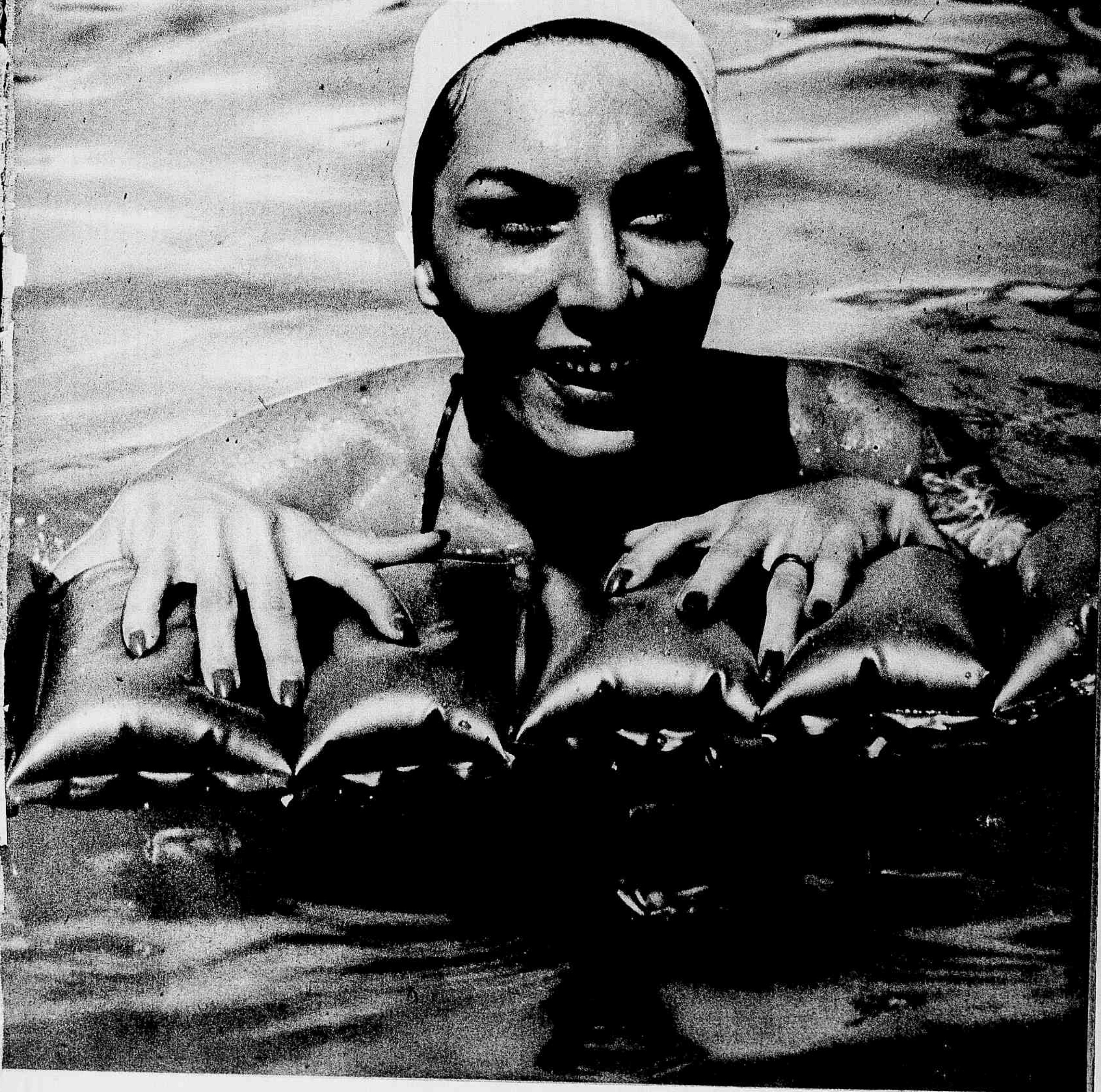


REVISTA DA SEMANA

N. 8 23-2-57 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

TENORIO CAVALLA
NOVAMENTE ENVOLVIDO
NUM ASSASSINATO



MARLENE (A ESTRELÍSSIMA) CONTA SUA VIDA

INGRID BERGMAN

VOLTA AOS EE. UU.



♦ A foto é de 1948. Ingrid e seu marido Peter Lindstrom assistem a «primeira» de Joanna Darc. Bergman era então uma estrêla no apogeu da glória e uma senhora pacatíssima. Tinha 31 anos. Pela sua atuação nesse filme foi escolhida como a melhor atriz do ano. Depois veio o encontro com Rosselini e todo o drama. Agora, quando volta aos Estados Unidos (rapidamente) começam as especulações e há quem diga que Ingrid Bergman voltará a Hollywood e aos braços de seu primeiro marido, o tranqüilo dr. Peter Lindstrom.

DIRETOR
Helio Fernandes

COLABORADORES
Augusto Frederico Schmidt, Antônio Carlos Nogueira, Carlos Lemos, E. Tourinho, Eneida, Ely Azeredo, Fortuna, Fernando Lobo, Gilson Campos, Hermano Nobre Alves, Jorge Campos, José Roberto Teixeira Leite, Jeff Thomas, L. Junqueira, Mauro Braga, W. Guarnieri.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

O assassino da Eterna Vigilância	4/7
Futebol carioca	18/19
A nova sensação de Paris	14/15
Clóvis Salgado	16/17
Marlene fala, fala, fala	30/35
O «Leduc» voando	38/39
Os «concretos»	40/45
O teatro é nosso	46/47
No desfile do Copacabana	56/59

HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------	-------

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 350,00
Seis meses	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 600,00
Seis meses	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 700,00
Seis meses	Cr\$ 350,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente	Gratiliano Brito
Diretor-Comercial	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade	J. M. Costa Júnior
Diagramação	Victor Tapajós
Fotografia	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho	Alberto Lima
Laboratório	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2950

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69

Fone: 34-1569



◆ **NOSSA CAPA** — Marlene, estrela do rádio e teatro, brilhou em Nova Iorque, na «Noite do Rio». Casada com o também ator Delfino, dá conselho aos casais jovens na reportagem de páginas 30/35. (Eckta-chrome de Alberto Ferreira, exclusiva para REVISTA DA SEMANA).

BOM NÃO É!

● Não é nada agradável ser rei, rainha, príncipe, etc. Isso disse — em outras palavras — o Duque de Windsor nas suas "memórias" e tomou tal horror às coisas da realeza que, como todos sabem, acabou apenas marido da senhora Simpson. Vive hoje sustentado pelos seus bens da Inglaterra, cheio de rugas mas com a coragem que sempre marcou sua vida, plantando árvores, colhendo flores, tratando de seu jardim, indo a bailes e bailes, pescando e tomando banho de mar. Sábio homem. Vimos depois o que se passou com a trêsega Margaret. Não pode andar nem dançar nem flertar, não pode usar decotes ou saias curtas, pois logo todos opinam, toda gente dá palpites. Quando de seu caso com Townsend, em toda parte do mundo foram feitos interrogatórios: deve ou não casar? Formaram-se partidos, fizeram-se apostas. E a pobre moça vai ficando cada vez mais tia, tendo pregados nela os olhos da maldade universal.

● Depois o caso de Juliana da Holanda, dominada por uma curandeira. Pobre Juliana. Quais as mães que não compreenderam o drama dessa mulher rainha, mas sofradora diante da cegueira de uma filha, a pequenina Marijke? Qual a mãe que diante de um caso assim não é capaz de tentar todos os recursos, de procurar, por todos os meios curar o serzinho doente? Juliana gorda como um queijo, risonha, alegre, bem casada com o elegante e simpático Bernhard veio para o noticiário mundial como uma desgraçada qualquer. O casal brigou por causa de uma bruxa, dizem as notícias. Um Rasputin de saias é chamada a feiticeira, que aliás deve estar muito feliz: não morrerá ignorada, seu nome já passou à História... Agora aparece um telegrama: "desavenças entre a rainha Elizabeth e o Duque de Edimburgo". Um jornal londrino publicou a notícia fazendo vários comentários: o duque foi mandado para o exterior para acalmar a situação (ele está viajando quatro meses em volta do mundo), e a prova do desentendimento reinante no casal é que o príncipe consorte não ficou sequer para passar o Natal com os filhos, etc. etc. Se um jornal inglês afirmou a briga outro veio logo desmentindo. O Secretário de Imprensa da Rainha fez declarações públicas, deliciosas declarações: a separação é uma mentira muito grande, pois ainda nas vésperas da partida do marido, ouviu "o casal rindo muito". Não viu, pois uma rainha jamais poderá rir muito em público, mas ouviu com certeza, pois se encontrava ao lado de um salão onde o casal conversava a sós. "São um casal normal, disse ele; às vezes têm divergências, como todos. O príncipe tem suas opiniões próprias e as defende".

● Ora, a mim me parece que um casal normal não deve brigar; isso de ter divergências é natural, mas brigar por elas não é bom sinal. Nada temos a ver com isso, nem você leitor, leitora, nem eu, mas não podemos deixar de lamentar a briguinha de Elizabeth com o marido. É que está ameaçada nossa tranquilidade. Agora vamos viver sob a metralha do noticiário sobre o fato. Por que essa gente não briga sem espalhafato, escondidinhos como os casais em geral? Já temos todos os nossos probleminhas íntimos; por que iremos viver agora os da casa real inglesa?

Bom não é.

E N E I D A

TENÓRIO CAVALCANTE (NOVAMENTE) ENVOLVI- DO NUM ASSASSINATO

O HOMEM DE CAXIAS VOLTOU AO CARTAZ — DEIXOU CRESCER A BARBA COMO PROTESTO PELO 11 DE NOVEMBRO, MAS HÁ 20 ANOS COMETE (FRIAMENTE) OS MAIS BÁRBAROS ASSASSINATOS — HISTÓRIA MAL CONTADA DE UMA «CARONA» — MAIS UMA VEZ SE DIZ INOCENTE E VÍTIMA DE CIRCUNSTÂNCIAS — MAS ATÉ QUANDO VAI CONTINUAR ENCENANDO ESSA FARSA SANGRENTA? — INAUGUROU UMA CASA EM CAXIAS NO DIA SEGUINTE AO CRIME — E OS LÍDERES MAIS RESPEITADOS DA UDN LÁ ESTIVERAM, SATISFEITÍSSIMOS, ABRAÇANDO O CORRELIGIONÁRIO — 22 MILHÕES DE CRUZEIROS CUSTOU A CASA DE TENÓRIO — DE ONDE VEIO TANTO DINHEIRO? — AS TESTEMUNHAS JÁ COMEÇAM A SE DESDIZER — TENÓRIO DIZ QUE SABE QUEM É O CRIMINOSO, («ESTÁ SOB A MINHA GUARDA»), MAS QUE NÃO VAI ENTREGÁ-LO À POLÍCIA — JUSTIFICATIVA INFANTIL DE TENÓRIO: NÃO SAIU DE CASA NO DIA DO CRIME — VERDADE QUE NINGUÉM DESMENTE: TENÓRIO ESTÁ FORA DO ALCANCE DA POLÍCIA E ACIMA DA PRÓPRIA LEI.

Reportagem de HÉLIO FERNANDES

A HISTÓRIA (que o próprio deputado Tenório Cavalcante se encarregou de divulgar pelos jornais) foi contada assim:

«A Cadillac do sr. Tenório foi a S. Paulo buscar uma sobrinha que estava muito doente. Em virtude do estado grave da moça, o carro vinha em velocidade (à noite) pela rodovia Presidente Dutra. Em determinado trecho da estrada, um homem fêz sinal pedindo carona, e o carro pa-

rou e recolheu-o. (Já aí o carro tinha sido várias vezes anotado por excesso de velocidade e em nenhuma delas parara sequer para explicações.) Na barreira, os guardas pretenderam deter o carro e o motorista, mas o carona (que estava no assento de trás) abriu fogo, matando um dos guardas e ferindo outro gravemente. Apesar da fuzilaria dos guardas, o motorista imprimiu mais velocidade ao carro e desapareceu».

História singela, bem ao gosto do inocente, tímido, angelical, humanitário, complacente, compreensivo e bondoso sujeito que é o sr. Tenório Cavalcante. Primeiros absurdos (e contradições) dessa história: à noite, na Rio-São Paulo, em excesso de velocidade, o motorista viu um homem pedindo carona, e imediatamente parou para levá-lo. Naturalmente o motorista (empregado há longos anos do sr. Tenório Cavalcante), se deixou levar pelo espírito de solidariedade humana que o deputado fluminense, pelo exemplo, impõe a todos os seus auxiliares. Consumado esse gesto e re-

colhido o pobre homem sem condução numa madrugada hostil, o motorista voltou à alta velocidade anterior, recomeçando a desrespeitar sinais e a desatender aos apitos dos guardas de estrada. Na barreira, quando os guardas quiseram deter o motorista por excesso de velocidade, o carona se achou na obrigação de mostrar a sua gratidão, e a melhor maneira que encontrou foi fuzilar os guardas. Conseguiu matar apenas um, o que lhe causou um profundo aborrecimento, pois o motorista, assim, poderia duvidar da sua capacidade de ser grato.





Tenório Cavalcante



A bela casa de Tenório que custou 22 milhões de cruzeiros. De onde teria vindo tanto dinheiro?

Com personagens normais e desconhecidos, essa história ainda poderia ser engolida. Mas quando um dêles é o notório e facinoroso sr. Tenório Cavalcante, tudo muda de figura. Pois já vão se tornando monotonamente sangrentas as «coincidências» e as «circunstâncias» que envolvem a vida do deputado da UDN. De tempos a tempos os episódios se repetem e alguém perde a vida. E o sr. Tenório? Sempre tem um alibi, uma desculpa, uma explicação. Até quando vai durar isso? Até quando o sr. Tenório Cavalcante se colocará fora do alcance da polícia e além e acima da intervenção da própria justiça?

Palavras do sr. Tenório Cavalcante a «O Globo»: — «Sei onde está o criminoso. Vou saber dêle como se desenrolaram os fatos e depois o apresentarei à polícia. Mas naturalmente só o farei se puder assegurar-lhe a defesa». E para finalizar, contou uma lenda.

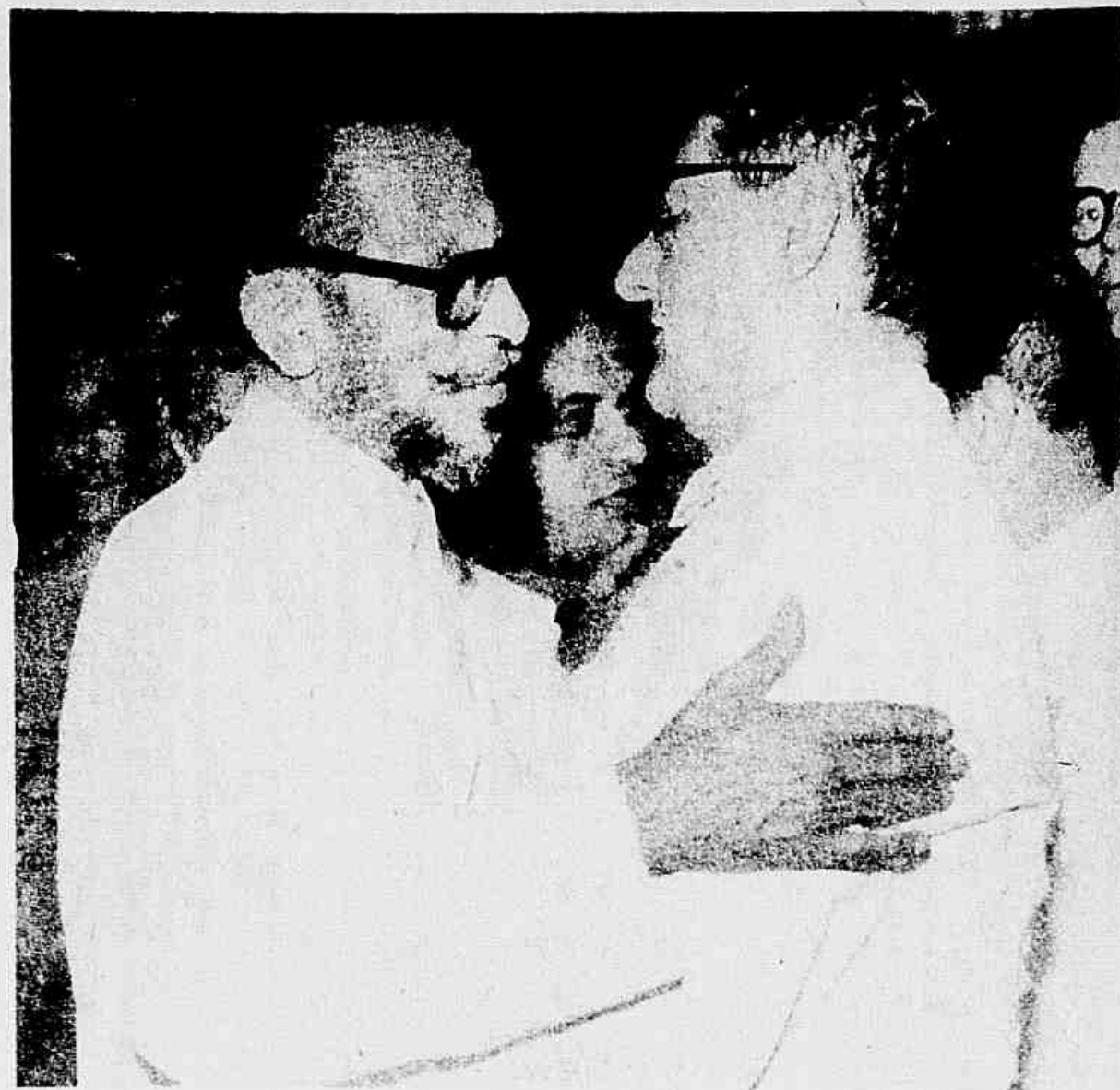
O sr. Jânio Quadros diz que o crime será apurado de qualquer maneira. A cidade de Jacareí está em pé de guerra. Os companheiros do guarda assassinado juram vingança. Só Tenório está tranqüilo e aparece em todas as fotografias, sorridente e senhor de si mesmo.

Depoimento de Josefa (sobrinha de Tenório), e que viajava no carro na hora do crime: — «Saímos de São Paulo mais ou menos às 15,20. Como minha irmã Elita (22 anos), a quem tínhamos ido buscar em São Paulo estivesse passando mal, o carro vinha em grande velocidade. Pretendíamos chegar ao Rio antes das 20 horas para recolhê-la ao Hospital de Curicica. Na primeira barreira, embora advertisse o motorista, o guarda deixou-o passar. Em Jacareí deu-se a tragédia: os dois guardas fizeram o motorista parar e discutiram com êle. Como o motorista quisesse seguir de qualquer maneira, um dos guardas postou-se à frente do carro, enquanto o outro agarrou-se à sua porta. Vi bem quando um dos guardas puxou bruscamente a porta e agarrou o motorista pela gola do paletó. Nesse momento, o outro guarda se aproximou e ambos levaram-no para a margem da estrada. Aí então, a pessoa que nos acompanhava e a quem eu via pela primeira vez, (a afirmação é textual da própria sobrinha de Tenório) irritou-se. Abriu o porta-luvas (como quem tem certeza de encontrar uma arma) e encontrando-a realmente, saltou já de pistola em punho. Aí não vi mais nada».

No dia seguinte ao crime, o deputado inaugurou a sua casa (fortaleza) de Caxias. E os que lá estiveram (quase todos importantes), voltaram impressionados com os engenhos blindados e elétricos de que se cercou

o sr. Tenório Cavalcante. Toneladas de aço e cimento, porões à prova de bombardeios atômicos, portas secretas, 15 telefones, piscina térmica, vidros à prova de bala, todo um sistema de intercomunicações e alarme. Tudo avaliado em 22 milhões de cruzeiros. O próprio sr. Tenório Cavalcante declarou aos jornalistas, que a sua despesa mensal com a manutenção dessa fortaleza é de 250 mil cruzeiros. Onde o modesto lavador de pratos de há 25 anos atrás teria ido buscar tamanha fortuna? Sem ser industrial, comerciante ou sócio do sr. Galdeano, como poderia o sr. Tenório Cavalcante dispor de tais recursos. Provavelmente, o sr. Tenório Cavalcante terá uma explicação convincente. Quem «fabrica» explicações para os crimes que há mais de 20 anos vem praticando, não terá dificuldades também para justificar tamanha prosperidade.

As testemunhas (e o próprio Tenório) já começam a se desdizer. As versões se multiplicam, procurando confundir a polícia e a justiça. A



Alonso Arinos abraça seu amigo, Tenório Cavalcante.

história do homem que pedira carona, foi contada pelo próprio deputado. Agora, ele mesmo, em novas declarações, diz que o seu motorista Francisco é que lhe contara os fatos como tendo se passado assim. Mas que essa versão não é a verdadeira. Sempre a mesma técnica da confusão e do despistamento.

Tenório numa justificativa ingênua e infantil: — «Eu nem saí de casa no dia do crime». Parece Bob Hope no seu famoso «I Never Left Home».

O guarda, gravemente ferido, diz que foi alvejado pessoalmente por Tenório. Mas o deputado, tranqüilo, pega as declarações do guarda, e diz: — «Viu! Eles tinham preparado uma emboscada contra mim, e agora estão atacados de **amnesia retrógrada**». Logo depois o guarda se desdiz e faz um retrato do criminoso que parece Tenório sem a barba.

E a UDN, que protesta tanto contra o crime de Alagoas e não tem uma palavra para recriminar o seu correligionário? E os líderes da eterna vigilância, que depois de exaustivas e violentas declarações contra o governador de Alagoas (outro louco, não há dúvida), vão descansar as preocupações e convicções democráticas, na fortaleza onde o sr. Tenório procura se esconder de si mesmo? Onde estão a coerência, a dignidade e a independência da UDN?

O guarda Meloni foi morto pelas costas. Tenório (ou alguém por ele) assinou o trabalho com a sua característica pessoal.

E se o crime tivesse sido cometido por um deputado governista? Em vez de terem ido ao banquete oferecido pelo criminoso, os srs. Milton Campos e Afonso Arinos, ofegantes e horrorizados, estariam na tribuna, exigindo a deposição do sr. Juscelino Kubitschek.

Lamento de um deputado da UDN: — «Que pena que o sr. Jango Goulart não esteja envolvido no crime. Era outra comissão de inquérito garantida».

Tenório deixou crescer a barba como protesto ao 11 de novembro. E se deixássemos crescer a barba como protesto aos seus crimes? O Brasil ficaria com uma multidão de homens barbados, e os barbeiros morreriam de fome.



Cauby Peixoto foi também à inauguração da casa de Tenório.

CAMPINAS

**120
VIAGENS
POR DIA
DAS
5,05
ATÉ
23,50 HS.**

cada 10 minutos

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

R. Senador Queirós, 85 - Fones 34-2399 e 36-6402

Parque D. Pedro II, 1.092 - Fones 32-8733 e 34-5393

CAMPINAS

Pça. Flor. Peixoto, 292 (Lgo. da Est.) - Fone 5848

Rua Dr. Campos Sales, 758 - Fone 3169



VÁ PELO MELHOR!



**EXPRESSO
BRASILEIRO**

VIAÇÃO Ltda.

AZASO - EB-3

A SEMANA EM REVISTA

Fotos «DIÁRIO CARIOCA»



EM 3 HORAS O FOGO DESTRUIU 50 MILHÕES

♦ 23 firmas perderam 50 milhões de cruzeiros no incêndio que destruiu totalmente o trapiche dos Armazéns Gerais, na Praia de S. Cristóvão. Os bombeiros (para não fugir a regra), tiveram que lutar primeiro contra a falta d'água. Quando esta chegou (pouca e quase sem força), o principal objetivo (já que o fogo ia intenso) foi isolar os depósitos de gasolina da Atlantic. O segundo objetivo foi alcançado. Mas o primeiro não pôde ser conseguido, e durante 3 horas o fogo consumiu tudo que encontrou.

«NÃO PERMITIREI O ROCK'N ROLL»

♦ A afirmação é do sr. Fernando Schwab (foto), delegado de Costumes e Diversões. Foi pronunciada durante uma reunião na polícia, realizada com o objetivo de planificar as medidas policiais para o carnaval. Entre elas, ficou relacionado o chamado «Rock'N Roll», que segundo o delegado, não poderá ser executado nos bailes de carnaval. Essa foi a única deliberação importante. O resto foi rotina, mais ou menos nos termos de carnavais passados.



«BEQUINHO» OUTRA VEZ DISPARADO

♦ Na semana que passou, o garoto «bequinho» voltou a mostrar o seu valor. Montando (nas 3 reuniões) 12 vezes, ganhou com 8 parceiros. E no fim da semana, foi buscar na tesouraria do Jôquei Clube, de comissões, a bela quantia de 68 mil cruzeiros. Manoel Bezerra da Silva (esse cada dia mais popular «bequinho»), tomou a ponta das estatísticas disposto a não largá-la mais.

JK INAUGURA AVIÕES FABRICADOS NO GALEÃO

♦ Os primeiros 16 aviões de um lote de 100 encomendados pela FAB à Indústria Fokker (que está funcionando no Galeão), foram entregues esta semana, em solenidade presidida pelo próprio presidente Juscelino. Depois de visitar a

fábrica, JK quis experimentar os aviões (foto), e não resistiu a vontade de entrar em um deles. Entrou, mexeu nos controles, e se retirou satisfeito.



CELSE ACUSA; LÍGIA DEFENDE

◆ Nomeada a comissão (com o incrível Wilson Leite Passos na presidência) para apurar as denúncias do sr. Celso Lisboa, continua a luta e a controvérsia na Câmara Municipal. Quem tem razão? Celso ou Lígia? E' o que se verá. Para isso foi nomeada a comissão.



DE GRAJAÚ A JACAREPAGUÁ: MAIS RÁPIDO

◆ Economia de metade de tempo, foi o que os cariocas conseguiram, com os melhoramentos inaugurados pelo prefeito Negrão de Lima na rodovia Grajaú-Jacarepaguá. Essa rodovia (uma das melhores do mundo no seu gênero), tem 11 quilômetros de extensão e é asfaltada num trecho e tem placas de concreto em outro. Não tem curvas pequenas nem rampas fortes. E' uma rodovia de tráfego intenso e pesado e presta reais serviços aos cariocas. Mas como estava praticamente abandonada, sua utilidade era quase igual a zero. Os melhoramentos inaugurados pelo prefeito Negrão de Lima tornaram-na realmente eficiente.

JANELA PARA A LIBERDADE

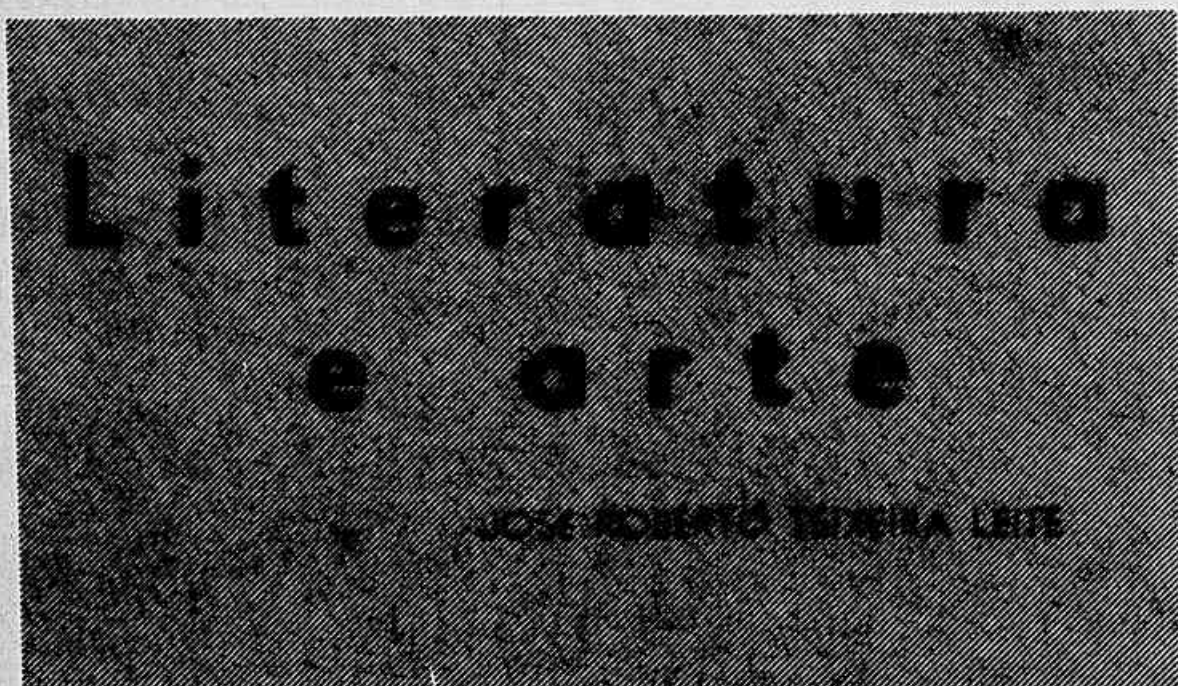
◆ Mais 90 húngaros chegaram ao Rio de Janeiro, a bordo do Provence. Vieram com suas histórias tristes, seus desenganos, suas esperanças de nova vida, de conquistar a felicidade num mundo que sabem livre. No momento da chegada (foto), olham pela vigia do navio, a cidade tranqüila e acolhedora, que os receberá de braços abertos.



O PREFEITO DE PARIS VISITA O RIO

◆ Lamentando não ter visto a ilha de Villegaignon, chegou ao Rio, o prefeito de Paris. Foi recebido (e homenageado) pelo presidente da Câmara do Rio de Janeiro, vereador Luis Paes Leme. Declarou que o Rio é uma das cidades mais bonitas que já viu e que os cariocas tem razão de se sentirem orgulhosos com a sua terra. Foi ao Corcovado, a Brocoió, visitou a Câmara Municipal e assistiu o jogo cariocas e paulistas no Maracanã. Falou sobre os problemas de Paris e afirmou que são mais ou menos os mesmos do Rio de Janeiro.





LETRAS MUNDIAIS

UMA BIOGRAFIA DE CONRAD



◆ OS LEITORES brasileiros travaram conhecimento com a obra de Joseph Conrad através de uma tradução de «Lord Jim», aparecida, com bastante sucesso, alguns anos atrás. Conrad, que embora nascido na Polônia — seu verdadeiro nome era Teodor Josef Konrad Korzeniowsky — teve como pátria unicamente um tombadilho de navio, e de navio inglês, aos 21 anos partiu para a Inglaterra, após ter passado cinco anos de aventuras por vários países da Europa.

Na Inglaterra aprendeu o idioma local, e ingressou na Marinha Mercante, tendo tido então a oportunidade de visitar vários locais distantes dos mares da China e da Oceânia.

Aos 36 anos, ainda marítimo, lançou seu primeiro romance, «Almayer's Folly». Depois da publicação do segundo,

«Torrens», abandonara de vez o mar, para se dedicar exclusivamente à Literatura. Era, como Melville, um romancista profundo, que sabia extrair todos os episódios de que eivava suas narrativas, daquele mesmo mar sobre o qual viveu por mais de quinze anos.

Com o passar dos anos, seus livros se sucedem: «An Out cast oi Islands», sua obra-prima «Lord Jim», «Heart of Darkness», uma história passada no Congo Belga, etc., etc. Porém, nem sempre teve Conrad êxito, ao menos do ponto de vista financeiro: sua primeira história lhe rendeu apenas vinte libras, e por várias vezes viu-se ele a braços, com sérias crises de dinheiro, crises que quase o levaram a ser, primeiro, piloto no Canal de Suez, e depois pescador de pérolas. Era assim aventureiro Joseph Conrad, e sua vida está repleta de lances pitorescos. Essa vida, aliás, foi objeto de acurados estudos, de parte do crítico francês (já falecido) Gerard Jean-Aubry. E essa magistral biografia de Conrad acaba de ser vertida para o inglês, sob o título «The Sea Dreamer». Livro que é considerado o melhor jamais escrito sobre o notável escritor, nele gastou Gerard Jean-Aubry cerca de vinte anos de sua existência.

Os que apreciam a obra de Conrad devem ler essa biografia sem rival. O livro ainda não apareceu nas livrarias cariocas, mas a qualquer momento deverá chegar até nós.

UM LIVRO

"BÔCA DO INFERNO",

conto de Otto Lara Rezende (1)

◆ VERDADEIRA DECEPÇÃO, o segundo livro do senhor Otto Lara Rezende, há pouco aparecido. São sete contos desenvolvidos em antiga cidade de Minas Gerais, e todos tendo por protagonistas crianças e adolescentes. Crianças degeneradas, como Floriano, que mata seu amigo Rudá sem qualquer motivo; precocemente às voltas com os problemas do sexo, e deles querendo libertar-se, como Gilson, que pratica a auto-mutilação para não pecar mais; homicidas de calças pelos joelhos, como Trindade; meninas desesperadas por amor, como Madalena; enfim: toda uma galeria — a nosso ver irrealíssima — de crianças muitíssimo pouco crianças.

Isso, quanto ao conteúdo dos contos; quanto à forma em que são eles vasados, nada tem de novo. Alguns contos são mesmo velhos, quer pelo conteúdo, quer pela forma. Assim, por exemplo, não há como ignorar as semelhanças existentes entre o conto de Tchecov em que uma bronca criada mata a criança que é obrigada a pajeir, e que vê como culpada exclusiva de todas as suas frustrações e decepções, e o conto «Filho de Padre», que abre a coletânea, e no qual Trindade mistura veneno ao chá do padrinho, a fim de se ver livre de algumas aulas de latim e de umas varadas, vez por outra.

Não diremos que Otto Lara Rezende escreve mal, embora esteja ele longe, também, de escrever bem. Porém, como conduz ele de maneira forçada os diálogos entre os seus personagens! Depois de cada fala de um deles, o ficcionista sente-se na obrigação de explicar ao leitor quem terminou de falar. Daí se sucederem, em todos os diálogos de «Bôca do Inferno», frases inúteis como «disse Floriano», «perguntou Rudá», «pediu Rudá», «disse Betinho», etc. Pode ser, inclusive, que Otto utilize o processo voluntariamente, por achá-lo interessante. Ao colunista, porém, parece o mesmo condenável, irritante, como se os leitores não tivessem a capacidade de saber quem está falando, no momento. De resto, o processo termina por esgotar a paciência de qualquer um.

«Três Pares de Patins» é um conto interessante. Foi o de que mais gostamos, em todo o livro. A situação psicológica dos três protagonistas está bem delineada, mormente a luta íntima de Renato. O tema é algo escabroso e doentio, porém isso de temas escabrosos e doentios, em si, nem é mau, nem é bom: o que importa é a maneira como são eles desenvolvidos. No caso, achamos apreciável a solução encontrada pelo contista.

A história de Silvia, em «O Segrêdo», é um caso banal de sedução. Coisa velha, já mil vezes explorada em nossa literatura. Otto Lara Rezende, porém, consegue dar-lhe certo atrativo. O mesmo acontece com «O Moinho».

Em suma: o contista, em Otto Lara Rezende, é fraco. Falta-lhe o essencial para agradar, no gênero: ele tem muito pouco o que contar. Escolheu crianças como protagonistas de suas histórias, e nisso andou bem: não sabemos de outro livro de contos em que crianças, e apenas crianças, sejam os personagens. Porém, dessas crianças fez ele homens e mulheres em tamanho menor, dotou-as de paixões doentias e de absurdas taras, talvez porque não pudesse, de outra maneira, chamar para a sua prosa as atenções dos leitores.

(1) — Otto Lara Rezende — «Bôca do Inferno». Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1957. 136 páginas. Capa de Poty.

NOTAS E INFORMAÇÕES

JOAQUIM CARDOSO prepara para breve o lançamento de novo livro de poemas. O único desse poeta até hoje aparecido — «Poemas», 1947 — foi uma homenagem de seus amigos ao seu cinqüentenário, e traz um prefácio de Carlos Drummond de Andrade.

ANTÔNIO OLINTO, ao referir-se a um novo livro de Hulzinga, há pouco vertido para o inglês, afirmou que o autor de «Outono da Idade Média» é alemão, quando na realidade Jan Hulzinga é holandês, tão holandês quanto a rainha Guilhermina e como a bruxa Greete Hofmann, que o diabo leve...

SIMEAO LEAL voltou impressionado com o que pôde ver em todas as terras exóticas por onde andou, recentemente. Nada, porém, o impressionou mais do que o suntuoso Taj-Mahal, em Aggra. É digno de escutar o seu longo relato de peregrinações, todas as tardes, no nono andar do Ministério da Educação, para a turma embaixacada dos que nunca saíram do país...

MANUEL BANDEIRA escreveu um poema concreto. E disse que a coisa não é tão fácil como parece. Descobriu a pólvora, do que tudo indica.

TUDO ACONTECE com Brito Broca, o renomado autor de «A Vida Literária no Brasil — 1900». Pois não é que uma admiradora, querendo ofertar-lhe um livro de presente, mimoseou-o, outro dia, nada mais nada menos do que com um trabalho sobre «O Parto sem Dor»?

SANTA ROSA morreu há tão pouco tempo, falou-se tanto em se criar um Museu Santa Rosa, no seu «atelier» da rua Santo Luzia, e sabe-se agora que esse mesmo «atelier» tem sido saqueado, impunemente, por uns poucos «amigos» que dispunham da chave da sala, cedida pelo bom Santa.

MÚSICA E PINTURA

(Cotação: * ruim; ** medíocre; *** regular; **** bom; ***** muito bom).

♦ O GRANDE pintor Odilon Redon (1840-1916) costumava denominar-se a si próprio de «Peintre Symphoniste». Queria dizer assim que sua suprema aspiração era, com as cores, realizar música. Aliás, em carta a um amigo, dizia ele em 1894: «Je suis né sur une onde sonore. Pas un souvenir de la première enfance qui ne se mêle à un chant musical, à une musique de qualité...»

Esse extraordinário artista visual buscava seus amigos, não tanto entre os pintores (a despeito de Gauguin ter sido grande camarada seu), porém entre músicos e entre poetas. Foi admirador e confrade de Mallarmé e de Verlaine, dois poetas que buscavam, antes de tudo, fazer da poesia música. Talvez por causa de tais amizades é que alguns críticos da atualidade taxem a obra de Redon de demasiadamente LITERÁRIA, no que tem a palavra de pejorativa, em se tratando de uma obra que, antes de tudo, deveria ser plástica, ou visual, como querem os norte-americanos. Os críticos, porém, raramente podem ser levados a sério.

Não queremos, porém, tratar aqui de Odilon Redon, porém, sugestionados pela auto-denominação de Redon, fazer certas considerações sobre os elos íntimos por ventura existentes entre a Pintura e a Poesia. Existirão por ventura esses elos? perguntarão os menos crédulos. Certamente existem. E, para descobri-los, de vez que o problema é complexo, não é de hoje que alguns abnegados estão pelejando. Mesmo o grande compositor Scriabine tentou, em seu «Prometeu», utilizar-se de um aparelho de sua invenção, que, no seu entender, ilustraria, em cores, as notas musicais. Leonardo da Vinci, Eckartshausen, Miss Wats, referem-se à tão misteriosa correspondência entre as notas e os tons, sendo que os dois últimos chegaram a tentar demonstrar, praticamente, tal correspondência. Se existem 7 notas musicais, e se o espectro solar contém 7 cores, não é justo que exista alguma relação entre as notas musicais e as cores?

Liszt, ao dirigir a orquestra, se desejava um fortíssimo, exigia dos músicos algo «em vermelho»; se, pelo contrário, queria um acorde mais suave, pedia que o mesmo fosse executado «em verde». E não trata Schweitzer, com a lucidez de sempre, de caráter pictural de inúmeras composições de Johann Sebastian Bach (1)?

Música e Pintura são, ao que tudo indica, duas faces de um mesmo objeto. E não nos deveremos espantar se, para o futuro, resolvido o difícil problema das correlações entre uma e outra, posamos fruir as delícias de alguma Sinfonia em Verde Claro, ou a trágica beleza de alguma obra mural em lá maior...

(1) Para maiores detalhes, consultar: Krestowsky, Lidia — «La laideur dans l'Art à travers les ages», Paris, 1947; páginas 259-267, e: Schweitzer, Albert: «Dichterische und Malerische Musik und Wort und Ton bei Bach».

LIVROS EM DESFILE

ALVES JÚNIOR, poeta de Juiz de Fora, já falecido, tem agora seus versos publicados, graças ao zelo dos amigos. São poemas ao gosto tradicional, sobre a tristeza, o amor, a saudade, a mulher, a par com muitos versos de circunstância (Gráfica da Cia. Dias Cardoso, Juiz de Fora, 1956. 325 pág. Cotação: **).

HORMINO LYRA reuniu num só volume — «Crisol» — todos os seus versos. E antes não o fizesse. Pois o livrinho nada contém da legítima poesia. (Edição particular, 1955. 262 pág. Cotação: *).

WILSON ROCHA escreveu pequenino ensaio sobre «Genaro de Carvalho e a Tapeçaria Brasileira». Boas fotos e clichês completam esse trabalho, o primeiro a ser escrito sobre Genaro, um dos mais destacados artistas visuais brasileiros da atualidade. (Galeria Oxumaré, Salvador, 1956. Cotação: ***).

SILVEIRA NETO lança um punhado de traduções de poetas de língua francesa: Lamartine, Verhaeren, Samain, Valéry, Rimbaud, Laforgue e Baudelaire. A escolha dos traduzidos já diz algo sobre o bom gosto do tradutor. E as traduções são corretas, embora não excepcionais. (Edições Mantiqueira, Belo Horizonte, 1956. 56 pág. Cotação: ***).

O PRIMEIRO romance de Francisca de Basto Cordeiro chama-se «Arde uma Chama nas Trevas», e vem de ser editado na Coleção Aurora, das Edições O Cruzeiro. A escritora se revela uma ficcionista de recursos apreciáveis, sobretudo nas descrições, todas elas poderosas e cheias de real interesse. Convém lembrar que Francisca de Basto Cordeiro foi a tradutora de «E o Vento Levou» para o português, há diversos anos. (Edições O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1956. Capa de Arcindo Madeira. 301 pág. Cotação: ***).

POESIA

COMUMENTE

É ASSIM



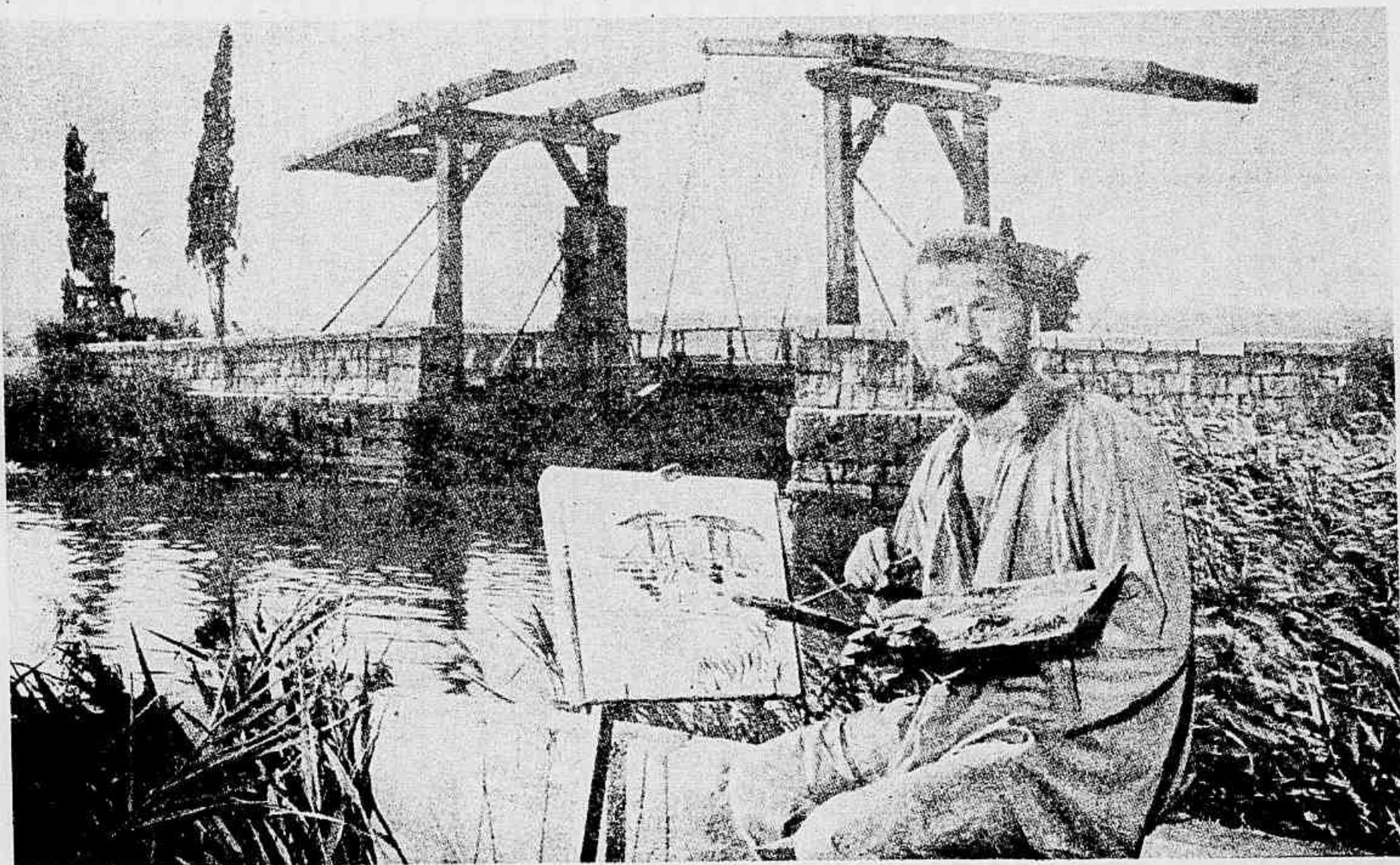
Cada um ao nascer
traz sua dose de amor
mas os empregos,
o dinheiro,
tudo isso,
nos resseca o solo do coração.
Sobre o coração levamos o corpo,
sobre o corpo a camisa,
mas isto é pouco.
Alguém
imbecilmente
inventou os punhos
e sobre os peitos
fêz correr o amido de engomar.
Quando velhos se arrependem.
A mulher se pinta.
O homem faz ginástica
pelo sistema Müller.
Mas é tarde.
A pele enche-se de rugas.
O amor floresce,
floresce
e depois se desfolha.

VLADIMIR MAIACOWSKY

(tradução de E. Carrera Guerra).



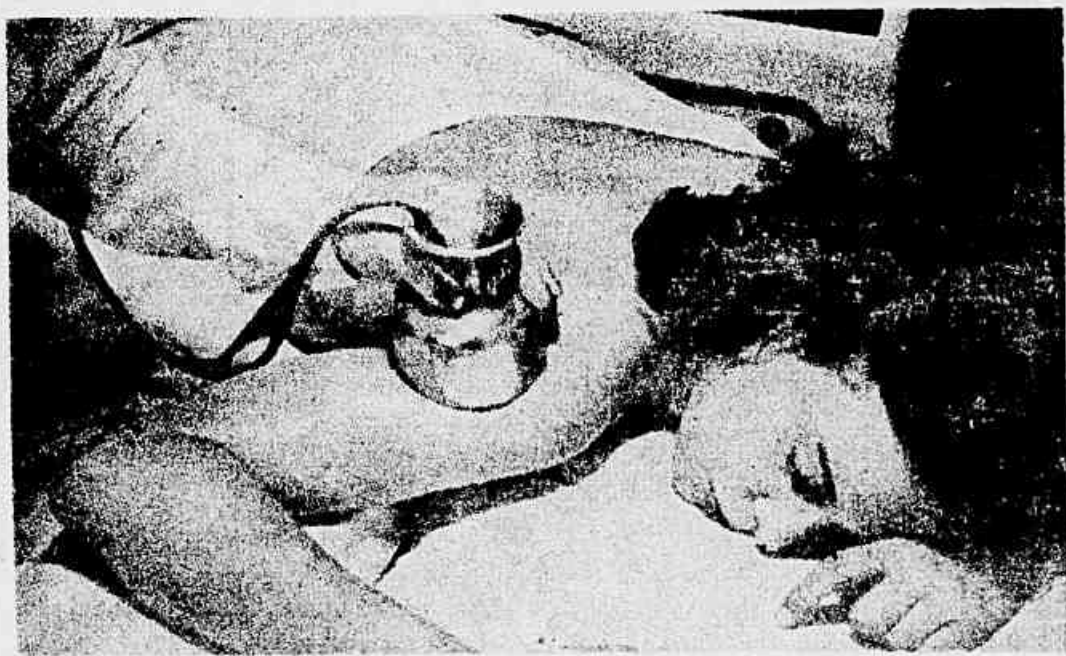
◆ Sugar Ray Robinson não perdeu a amizade de Joe Louis, seu modelo e seu amigo de sempre. Na foto (depois da derrota), Sugar com um sorriso triste, mas resignado, recebe o apêto de mão de Joe Louis.



♦ O cinema faz resurgir Van Gogh. A vida e a obra do extraordinário pintor, estão magnificamente reconstituídos num filme que tem o notável Kirk Douglas como ator principal.

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS▶

♦ Cada vez mais, homens e mulheres se lançam a batalha do emagrecimento. Banhos, saúnas, regimes e massagens. Dizem os técnicos que as massagens (principalmente elétricas), surtem notável efeito, e eliminam até a celulite. Mas os médicos ingleses afirmam que a melhor arma contra a gordura é a própria vontade do paciente. Se ele quer emagrecer, nada o deterá.



♦ Elene Sedlac (foto) uma das mais famosas bailarinas do teatro italiano de revista, resolveu aceitar uma proposta para segurar suas pernas em vinte mil contos. A companhia anunciou que foi a maior transação do gênero já efetuada em 48 anos de atividades.



MUNDO DE DEUS

Em Monte Carlo (na mesma noite)
Aga Khan, Onassis e Ali Khan
dão exibição de carinho e ternura

A meia-noite, com as luzes apagadas, Aga Khan (80 anos, dois filhos famosos, um dos homens mais ricos do mundo) beija ternamente a Begun.



Onassis, também uma das grandes fortunas, proprietário de enorme frota petroleira, com um chapéu esquisito, beija sua vizinha, que é sua esposa.

◆ Em Monte Carlo, na mesma noite, ao som de boa música e com muita alegria, três homens famosos (Aga Khan, Onassis e Ali Khan), despiram suas máscaras impenetráveis, sorriam para todo mundo (mais de 400 pessoas presentes), e deram uma exibição de carinho e ternura. Não sem antes olhar para os lados a procura dos fotógrafos. Depois, a conversa voltou a rotina, e quando se falou em petróleo, Betina não perdeu tempo e afirmou: «também vou entrar no negócio do petróleo. Tenho um poço que está dando 25 litros por dia».

Onassis e Aga Khan beijaram as suas mulheres no rosto, quase nos lábios. Já Ali Khan beija a sua Betina (fotografia) na testa e com requintes de homem galante.





Bom humor na Côte d'Azur. A Begun (à direita), bombardeia as mesas vizinhas com bolinhas multicôres, confetis e serpentinas. Betina protege-se com os braços.



O "COCK-TAIL" QUE NÃO EXISTIU



Carlos Machado, convidou um grupo de figuras do jovem «high-society» carioca para um «cock-tail» que não existiu.



Pianista Sacha, com voz agressiva: «Não preciso de colunistas sociais nem de jornalista nenhum para manter minha boite cheia.»



Senhora Roberto (Neuza) Andrade, improvisou um «party» para os convidados que o sr. Machado esqueceu.

◆ Tratava-se de uma promoção do sr. Carlos Machado em seu apartamento. Idéia e iniciativa sua: reunir um grupo de pessoas do jovem «high-society» num «cock-tail» íntimo e sem formalidade. Para essa promoção, o sr. Machado combinou que o colunista seria o homenageado. Em seguida, pediu-me que fizesse todos os convites em seu nome para as 21 horas de sábado, dia 9. Acontece, que três horas antes do «party», o senhor Carlos Machado telefonou para o Hotel Glória pedindo-me que adiasse a reunião para a noite seguinte, alegando motivos insignificantes e sem consistência. Respondi-lhe que o adiamento não seria possível em virtude do pouco espaço de tempo, e que a única solução seria levar os convidados para sua boite Sacha's. Entusiasmado, o sr. Machado concordou com a minha sugestão e disse: «vou telefonar para o «maitre» Luís preparar tudo no Sacha's, e você, procure desconvidar alguns, para não ir muita gente. Esteja às 21 horas aqui no meu edifício». Às 21 horas cheguei ao edifício 259, Avenida Copacabana, onde já se encontrava o fotógrafo da «Revista da Semana» e uma convidada. Esperei um pouco, e em seguida «decolei» com duas convidadas para o Sacha's (deixei ordem com o porteiro para mandar os demais convidados para o mesmo local). Lá chegando o «maitre» Luís disse que não havia recebido nenhuma comunicação do senhor Machado. Em seguida aproximou-se o pianista Sacha (que nada tinha com o caso), e disse: «O Machado não tem autorização para dar «cock-tail» aqui; aqui quem manda sou eu, pois não preciso de colunista social, nem de jornalista nenhum. Todos vocês é que precisam de mim».

Com todos os convidados em frente à boite, a sra. Liliam de Souza Gomes improvisou um «party» no apartamento do casal Roberto Andrade. A simpática Neuza Andrade foi nessa noite uma espécie de «hostess» de emergência. Em seu apartamento tudo esteve perfeito.

Para finalizar: o sr. Carlos Machado, deve ser escolhido o «host» mais pontual e de maior categoria do mundo. Vocês não acham?

CONFIDENCIALMENTE: O sr. André Spitzman Jordan foi passar o «week-end» em Petrópolis. Lá chegando telefonou imediatamente para as senhoritas Sália Politis e Gil-da Leiraud, senhoritas que ultimamente têm sido vistas em companhia do André nas boites. Claro que uma cada noite. O importante é que ambas não aceitaram convites de outros rapazes para sair, enquanto o jovem Spitzman Jordan permaneceu em Petrópolis.

◆ Confirmada minha «preview» quanto ao novo «date» da «glamourosa» Rosinha Serzedelo Machado, que é o paulista Osvaldo Vidigal. Eles têm saído juntos com uma frequência recorde.

◆ No restaurante do Clube Comercial, almoçavam numa mesa a sós: o embaixador Valter Moreira Sales e o presidente da Bolsa de Valores, sr. José Willemsens Júnior. O assunto foi «business»...

◆ O jovem Carlos Augusto Moreira

«decolou» com a sra. Vanda Oliveira para Nova York. Motivo: foram casar.

◆ A modelo Françoise, é sistematicamente uma boneca. E daí?

◆ A boite Beguin vai reabrir, a data já está marcada. Existe uma surpresa bomba.

◆ O sr. Tarso de Abreu apesar de ser advogado de dois donos de boites, paga devidamente suas contas (nas mesmas) com consumação, couvert e tudo. Inclusive, diz, que já pagou nota até para determinado pianista que se diz dono de uma dessas boites. Haja «erva»...

◆ O colunista Torreão, de Niterói, sózinho num «night-club» tinha um copo de uísque na frente. Afogando alguma máguia, Torreão?

Gossip

A bonita senhora Liliam de Souza Gomes, divorciada há poucos meses em Nova York, está residindo definitivamente no Rio. Declarou-me que só pensará em casamento do próximo ano.

◆ O colunista Tavares de Miranda, especialmente convidado, estará presente ao grande «Baile dos Artistas» em companhia de um grupo do «high-society» paulista.

◆ Loura e bonita, a jovem Denize Leiraud é realmente «suspense». Vocês sabem quem é o atual «date» de Denize?

◆ Determinada paulista continua prestes a figurar na prateleira.

◆ Lorice Maluf, com sua elegância realmente «suspense», faz sucesso em Guarujá.



Loura e bonita, Denize Leiraud é realmente «suspense». Na foto, durante um banho noturno na piscina do Hotel Glória.

P.S. — Vou novamente para Guarujá. Participarei de um «week-end» com o «high-society» paulista. «Decolarei» pela jovem companhia T.A.C. — Transportes Aéreos Catarinenses.



A senhora Felá Jordan entre o colunista e o senhor Sérgio Chermont de Brito.



Nesta foto, aparecem dançando o casal Ermelino Matarazzo e Jeff Thomas, com Mary Spitzman Jordan.

MANEQUINS "SUSPENSE" DESFILAM NUMA "SOIRÉE-SNOB"

◆ Com a presença do «estado-maior» do «high-society» carioca, foi finalmente realizado no Copacabana o programado desfile de modas da atual «saison» com a presença dos famosos manequins franceses: Françoise, Mary, Monique e Rose Marie; e com as cariocas Okky e Maria Peter. Transitaram com elegância e classe no vaivém da passarela. Essa «soirée-snob» (que foi de «black-tie»), estava programada para ser na piscina, mas teve que ser realizada no «Golden-Room» devido ao mau tempo. No «Golden» a refrigeração estava péssima, além de outros imprevistos também pouco agradáveis, mas que devem ser levados em conta do mau tempo. Okky foi o manequim mais aplaudido, Mary o de maior classe e Maria Peter a mais bonita. A sra. Lourdes Catão, a «mais elegante do ano», estava numa noite realmente «suspense» naquele bonito modelo branco. Andréa Moroni, uma das mais bonitas presentes, estava toda de vermelho, enquanto Eunice Modesto Leal estreava um novo penteado. A loura senhora Dirce Azambuja numa noite realmente feliz. A simpática sra. Felá Jordan usando um comprido modelo de Givenchy elogiava o desfile. Ilde Garavaglia compareceu sem nenhum «date», pois

o Amaral Filho estava em São Paulo. As artas. Eloísa Dolabela, Mary Spitzman Jordan, Glórinha Drummond e Sália Politis eram as mais «suspense» da noite.

Até a próxima. O GELÓT continua em cima.



Chegam ao «Golden-Room» a senhorita Sália Politis e o senhor André Spitzman Jordan.



Françoise, a mais «suspense» modelo que transitou pela passarela nessa «soirée-snob».



Foot-Ball Carioca:

DIRIGENTES (IRRESPONSÁVEIS) E POLÍTICOS (DEMAGOGOS)

FAUSTO DE ALMEIDA (JORNALISTA, EX-DIRETOR DO COLÉGIO DE ÁRBITROS, PRESIDENTE DO BANGU) FALA À «REVISTA DA SEMANA» — O QUE AINDA É POSSÍVEL FAZER PARA SALVAR O FOOT-BALL BRASILEIRO — E' PRECISO IMPORTAR DIRIGENTES E NÃO JUÍZES — NO ÚLTIMO CAMPEONATO CARIOCA, HOVE DE TUDO — PROPOSTAS INDECOROSAS — ADVERTÊNCIA A JUÍZES QUE «PREJUDICAM» O FLAMENGO.

Reportagem de LUIZ AMARAL

Foto ALBERTO FERREIRA

— Para salvar o foot-ball brasileiro da onda de indisciplina e irresponsabilidade, que o avassala, só mesmo importando dirigentes (ao invés de juízes) estrangeiros — Fausto de Almeida sorri do absurdo da sua própria idéia e comenta:

— Não é possível, mas se fôsse seria espetacular. Na sua maioria, os dirigentes do nosso foot-ball só querem passar tempo, ter fotografias nas revistas e jornais, e dar entrevistas a repórteres. Com êsses, caminhamos a passos largos para a dissociação total do esporte. Os problemas se avolumam. Ninguém quer solucioná-los, porque o clima de irresponsabilidade favorece a muitos, facilita negócios escusos, não convém modificá-lo.

Dos seus 40 anos de idade, 31, Fausto de Almeida viveu, praticamente, dentro dos campos de foot-ball. Como torcedor, cronista esportivo, dirigente e, por último, como presidente do Bangu. Alto, forte, vigoroso, dezenas de vezes entrou em campo para «exemplar» juízes. Na qualidade de dirigente, chegou a recorrer à força física, quando a força dos seus argumentos não era suficiente. No foot-ball, conheceu toda a gama de emoções.

◆ PROPOSTAS INDECOROSAS

— No último campeonato da cidade — agora em tom sério, prossegue o «doublé» de dirigente e jornalista — houve toda a sorte de indignidades possíveis. No final do certame, recebi propostas indecorosas para «amolecer» jogos do quadro principal (que estava desclassificado) em benefício do quadro de juvenis (que estava no páreo). Rejeitei-as, uma a uma. Resultado: com deslealdade, o Flamengo conquistou o título. Usou das piores armas, inclusive tirando de ação nosso zagueiro Arpino (esteio do conjunto) a pontapés.

A indisciplina (veja-se o «caso» Honved) é fomentada pelos dirigentes. Para satisfazer seus próprios desejos, lançam mão de qualquer expediente. Amílcar Ferreira, um dos nossos melhores juízes, esteve para ser «advertido severamente» pelo Tribunal de Justiça, da FMF, só porque agiu contra o Flamengo, num jogo em que os jogadores rubronegros mais pareciam um bando de desvairados. Não preciso acentuar que esse Tribunal era um tribunal político, votava de acordo com as conveniências do momento. Outra vez, transformaram em multa uma suspensão do zagueiro Pavão, motivada por agressão autêntica.

◆ «BANDEIRINHAS»: UMA LASTIMA

Continua a falar o ex-diretor do Departamento de Árbitros:

— Ninguém quer prestigiar o árbitro nacional. Desejam os estrangeiros

(sempre de má qualidade, pois os bons não vêm aqui) pois sabem que dentro de poucos dias eles já conhecem as cores das camisas... O quadro de «bandeirinhas» existente na Federação Metropolitana é uma lastima. Nêle, há de tudo: ajudantes de caminhão, engraxates, contínuos, motoristas profissionais. Gente de baixo nível social, sem condição para arcar com a responsabilidade de dirigir uma partida de foot-ball da primeira divisão. Os dirigentes quando queriam arranjar «bôcas» para seus humildes amigos (ou amigos dos amigos), viam logo na frente o quadro de «bandeirinhas». Para nossa felicidade, houve melhora acentuada neste setor. Em lugar de engraxates e ajudantes de caminhão, levei para a Federação, oficial administrativo (Arlindo Elói de Andrade), chefe de seção da Companhia Siderúrgica Nacional (Gualter Teixeira Portela Filho), funcionário do Banco do Brasil (Nuno Alvares Ribeiro), estudante de Direito (Reinaldo Serra), estudante de Medicina (Wilton Moreira Carneiro), professor de Educação Física (Cláudio Magalhães), oficial do Exército Português e um membro da Polícia Especial (Antônio Teixeira Filho). Mas, os «donos» do foot-ball não estão satisfeitos. Preferem estrangeiros (maus) a brasileiros (bons).

◆ POLITICOS DEMAGOGOS

— Infelizmente — diz o procer alvi-rubro — o foot-ball não é estropeado, apenas, por seus próprios dirigentes. Esporte das massas, serve à demagogia de todos. Oficiais de gabinetes (e sem gabinetes), vereadores, prefeitos, todo o mundo se aproveita dele. Não permitem a majoração dos ingressos no Maracanã (o povo não suporta tantos aumentos!), mas em compensação liberam os jogos de basket e não vi até hoje ninguém reclamar os preços dos ingressos no Teatro Municipal. Para a temporada (proibida) do Flamengo, concedeu-se a abolição dos impostos, pois o assunto era político e se presta à exploração.

◆ JOGADORES: HA, TAMBÉM, OS CRIMINOSOS

E finalizando:

— Com a ação torpe dos dirigentes, a seleção dos jogadores não poderia ser perfeita. Há jogadores no foot-ball carioca de todas as classificações morais. São contratados só porque jogam bola. Existem até criminosos atuando em nossos campos. Na escolha dos players, porém, é de justiça frisar a conduta do Fluminense. Muitos elementos de selecionado têm sido dispensados das Laranjeiras, por sua conduta moral não ser compatível com os princípios éticos do clube. Assim também será no Bangu.

E ASSIM NÓS VAMOS VIVENDO DE AMOR

◆ Noutra coisa não se fala na noite vadia que a temporada dêste ano em Punta del Leste, chamando turistas de todos os cantos, inclusive indígenas afortunados, também amantes das vilegiaturas badalantes. Gentes de tôdas as partes atendem à propaganda da famosa estância balneária, com os seus cassinos, suas «boites», seus «night-clubs». Exportamos para lá até bons espetáculos musicados, atrações, além de cruzeiros de valor micho, mas cruzeirinhos afinal de contas. Não somente o jogo franço é a força do convite. Muitos se vão atraídos pela propaganda bem feita, pelos festivais cinematográficos sem menexes e sem mariys (para nós sobra sempre a fina flor da canastrice hollywoodiana, hospedada pela iniciativa particular), mas, no fim de tudo, só pelo poder da publicidade. Quem já visitou o decantado recanto uruguaio não pode, em boa fé, estabelecer confronto com as nossas belezas naturais (e maltratadas), as nossas praias (sujissimas), as nossas cidades serranas, os inúmeros pontos pitorescos com que a natureza nos brindou e a gloriosa Prefeitura não cuidou, tudo isto sem querermos nos apegar à folia carnavalesca que, aos poucos, vai morrendo, mas ainda dá para o gasto. Aconchegamo-nos, porém, e felinamente, ao deixar estar para ver como fica. E vamos ficando na dependência de um Departamento de Turismo e Certames que não dispõe de verba para funcionar, mas existe. E existe para que, se não pode cumprir a sua missão? Para justificar empregos? Certa vez, um sujeito ia pela rua fazendo sinais de trânsito. Se tinha que dobrar uma esquina à direita, suspendia o braço e para lá se encaminhava marcialmente. Se o seu destino era à esquerda, fazia o mesmo naquela direção. Foram-no acompanhando. Para quem encontrava pela frente, piscava os olhos como se quisesse pedir passagem. Julgaram-no louco e quase uma pequena multidão já o seguia para ver o fim daquilo tudo. Impassível, o homenzinho não se dava por achado. Braço à direita, braço à esquerda, mão para baixo enquanto parava para acender um cigarro ou olhar uma vitrina. Até que chegou à porta de um edifício. Foi para frente, veio para trás, como se manobrasse para entrar na vaga. E, quando já se dirigia para entrar, um guarda, que também o acompanhava, não se conteve e perguntou se ele estava passando bem. Perfeitamente bem — respondeu. Não pense que estou maluco — acrescentou — este é o consêlo de quem não tem automóvel... Em matéria de turismo, estamos assim como aquele cavalheiro dos sinais. Sinalizamos somente, Dobramos aqui, dobramos ali como pretensos ases, queremos competir que boa vontade até que não rareia muito nestas plagas (mas não resolve, como sabeis) e não poucas vêzes ameaçamos, através da palavra oficial, disputar grandes certames. Mas o diabo é que falta sempre o danado do automóvel. Aliás, não possuir o automóvel tem até vantagem para a nossa pudicícia, pois, como sãbiamente afirmou o Barão de Itararé, se esta vida é um buraco, vivemos numa cidade positivamente cheia de vida.



A MOÇA DA SEMANA

Irene Cortese, rebolante figurinha do elenco da «boite» Night and Day e candidata à coroa de Rainha das Girls. Exercei o sagrado direito do voto!

◆ Comenta-se que o presidente da Casa dos Artistas (em fim de pálido mandato) vai convocar assembléia para expulsar a vedeta Rose Rondelli do quadro social da entidade. Motivo: a moça teve a coragem de revelar um pouco do que vai por dentro do teatro musicado, em recente reportagem, e — como sabeis — é expressamente proibido falar a verdade. Concretizemo-nos!

Circulando na noite vadia a notável caricata Consuelo Leandro, vinda de vitoriosa excursão por terras bandeirantes com a Cia. Zilco Ribeiro. Após o Carnaval, a Leandro será a estrela da Cia. Silva Filho.

◆ Faltam poucos dias para Marina Marcel se libertar do martírio que lhe foi impôsto, tendo que cantar em «Hip, hip Carnaval». Outro



FERNANDA
Tem também seu pianinho

CONSUMAÇÃO MÍNIMA

«show» já está em preparo para as vesperais da Night and Day e a Marcel voltará a ser apenas a boa bailarina de sempre. Hurrah!

◆ Com a presença da Cia. Váler Pinto (faturando milhões) em São Paulo, o cantor Ernâni Filho está atuando com real agrado no Captain's Bar do Hotel Comodoro. A tanto o amor obriga...

◆ «Diana» é o nome do restaurante internacional que vai surgir na rua Rodolfo Dantas, embora contrariando Fernando César (cronista, sabeis?) que só concebe a existência das casas de «le roi». Os tais motivos óbvios...

◆ Nesta época de tantos reinados, Elisabeth Gasper, beleza germânica da «boite» do Hotel Serrador, vai candidatar-se ao título de «Miss Lambreta».

Fernanda é a moça que está cantando no «Fafá Lemos», arranhando também, como a noite é servida, o seu pianinho.

◆ O «Drink» de Djalma Ferreira, com a rebaixa nos preços, a presença de Jorge Henrique e a permissão da frequência com trajes desportivos, está reagindo valentemente.

◆ Quando telefonaram para a residência do cronista (teleguiado) Heron Domingues, uma voz na outra extremidade do fio respondeu: — Um momento, que eu vou ver se ele já chegou da Europa...

◆ Com almôço «à la carte», a «boite» Arpège está promovendo, com êxito, sabatinas carnavalescas, capitaneadas por Fernando Barreto e as vozes de Mabel Serrano e Maria Helena.

Para uma temporada de três meses em terras uruguaias, já se foi Elizete Cardoso — a magnífica Elizete.

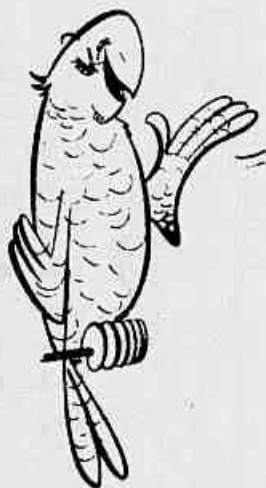
◆ «Com Jeito Vai» é a revista de Nestor de Holanda para o Teatro Dulcina com um elenco encabeçado pela atriz portuguesa Mirita Casimiro.



CONSUELO LEANDRO
La carrapeta volvió

A ARARA TOPOU

... e adorou toneladas — como diz o Jeff Thomas — aquela exposição dos concretistas, no Ministério da Educação. Ficou lá todo o dia, plantou uma bananeira para melhor se deliciar com «O Formigueiro» e, nessa elegante posição, cometeu também seu poemazinho, positivamente de concreto armado; que pode parecer gagueira, mas não é: MORro saud favvvv vela mangue manguiei ra meuuuu AmOr CAr los carlittto carlin hos Ma cha xaxa xixi xoxo xaxado isquindô isquindô xaxado.



A ARARA CHUTOU

◆ A bichinha notável não se conforma que o seu bravo salvador da Night and Day esteja envelhecendo tão rapidamente. O «show» «A Grande Revista», apresentado no ano passado, comemorou 15 anos, segundo o programa (Cr\$ 50,00), de brilhantes atividades artísticas do seu produtor. Um ano depois, «Rio... de Janeiro a — vá lá — Janeiro» comemora, segundo o programa (Cr\$ 100,00), 25 anos das mesmas atividades. A Arara está muito aborrecidinha da vidinha com esse supersonico avanço do tempo...



ESTA CONTARAM AO MISTER...

A moça vivia sonhando com um passeio de lancha, até que, certo dia, o convite lhe veio por intermédio de uma amiguinha muito relacionada no Iate Clube. A moça exultou com a idéia de realizar o seu sonho, mas, quando já se preparava para entrar na lancha, retrocedeu tomada de verdadeiro pavor, pois se lembrara de que não sabia nadar. Quis desistir, mas o argumento da amiguinha foi decisivo:

- Você viaja de avião?
- Ah, adoro!...
- Então, entre que você também não sabe voar.



A BOA CROONER
Mabel Errano, da Arpège

ANTOLOGIA DE FRASES CÉLEBRES

De Nestor de Holanda, elucidando no «Telhado de Vidro» do «Shopping News»: — O sapo é o «rei da noite».

— E, como sapo, repelente.

José Alvaro, falando de mulheres, comenta: — «vedettes» e «starlets» parecem contagiadas pela mania dos choferes de táxi: vivem maldizendo suas profissões. Mas experimentem lhes tirar o osso para ver o bafatá que acontece...

— Osso? Por isso é que dizem que o José Alvaro fala de mulheres e só anda com homens... Mulherzinha é mulherzinha, ó Zé!

Da excelente — amarga e gravíssima — reportagem de Sérgio Porto sobre a carreira artística da vedeta Rose Rondelli: — O advogado da casa («boite» Monte Carlo) conseguiu uma certidão falsa, passei a ter 19 anos e a me chamar Rose Rondelli.

— Sem maiores por menores...

Pomoinha Politis noticia: — Dizem que o senhor Stone reservará uma «horinha» antes para receber os «jornalistas de verdade»...

— Carlos Machado, por exemplo, estará nessa «horinha».

ZILCO RIBEIRO — produtor — responde PÃO, PÃO — QUEIJO, QUEIJO

DOIS GOLPES DO GENERAL LOTT E UM DA PREFEITURA FORAM RESPONSÁVEIS PELO PREJUÍZO (Cr\$ 1.200,00) NA «BOITE» CASABLANCA.



Pão — Você sempre foi comprido assim?

QUEIJO — Não. Com três anos, eu era curtinho e redondo.

Pão — Antes de dedicar-se ao teatro, aonde andava você?

QUEIJO — No ar.

Pão — Arrependeu-se de ter vindo para o teatro?

QUEIJO — Só me arrependo do futuro.

Pão — A sua temporada na «boite» Casablanca deu prejuízo?

QUEIJO — Você ainda pergunta?

Pão — Por que?

QUEIJO — Dois golpes do general Lott e um da Prefeitura não chegam?

Pão — Você voltará ao teatro da madrugada?

QUEIJO — Nunca o deixei. Depois da Casablanca, produzi «Show Business» e «O Samba Nasce no coração» (edição de bôlso), para a «boite» Oásis de São Paulo e seis pequenos «shows» para a «boite» do Parque Bañeário de Santos.

Pão — E o «show» «A Pequena Notável» ainda está em pauta para ser encenado?

QUEIJO — Completamente.

Pão — Quais são os seus planos para '57?

QUEIJO — Teatro, teatro e teatro.

Pão — É verdade que você vendeu o automóvel para que o seu elenco não ficasse sem pagamento?

QUEIJO — Exatamente. Mas, em compensação, depois tive muito dinheiro e só andei de táxi.

Pão — E os paulistas, como o trataram?

QUEIJO — Tão bem que fomos fazer uma temporada de dois meses e ficamos um ano!

Pão — Profissional e artisticamente, que acha de Consuelo Leandro?

QUEIJO — É a minha melhor descoberta.

Pão — Qual a sua vedeta ideal?

QUEIJO — Gina Lollobrigida.

Pão — Nas pazes Zilco-Machado, quem teve a iniciativa?

QUEIJO — Ele, é claro!

Pão — E havia sinceridade nisso?

QUEIJO — Isso é lá com ele...

Pão — Financeiramente, qual a «revista» que mais lhe rendeu?

QUEIJO — «Doll Face», sem dúvida.

Pão — Que acha você de Virgínia Lane ter retirado todas as placas do teatrinho Follies?

QUEIJO — Todas? Ué!... A que eu dei a ela está lá, em lugar de destaque, e brilhando que é uma beleza...

Pão — Os prêmios da Abecetê foram justos?

QUEIJO — Que Abecetê?

Pão — Você é co-autor de fato ou o é somente de direito autoral?

QUEIJO — A consciência de Mário Meira Guimarães é que sabe...

Pão — E já que falamos de Mário Meira Guimarães, você se julga capaz de escrever uma peça sem monólogo dêsse seu parceiro?

QUEIJO — Fui eu quem «inventou» o Meira. Logo...

Pão — Então, termine dizendo o seguinte: o Serviço Nacional do Teatro tem cumprido a sua missão?

QUEIJO — Tão bem quanto a COFAP tem cumprido a sua...

PÁGINAS DO GALO BRANCO

★ Entre as figuras mais tristes dos dias vividos destacava-se o perfil maricondesco de Joana Luanda de Albuquerque. Atiravam-lhe — por mera brincadeira — malmequeres e benolieis maduros, fazendo-a crer, por isso, que era ainda desejada das gentes. Nunca vi tamanha inocência: o seu olhar espantado diante de qualquer mudança nas colunas do templo, tomava as expressões de angústia esvoaçante ou de sereno repouso com uma facilidade de movimento que jamais em outro ser vi repetida; os cabelos grisalhantes borrifados de essência de junquilha ou de água perfumada com limão celeste, os seus crespos cabelos, às vészes apareciam arrumados em forma de longas tranças.

Era uma pobre criatura sem ninguém, mas que enchia o seu tempo de companhias imprevistas, imaginárias. Conversava sòzinha, sonhando presenças impossíveis e extraordinárias. — Queira sentar-se, Eminência, dizia ela a um cardeal que lhe aparecia em horas surpreendentes e com quem discreteava, vez por outra, até às portas da madrugada.

Não raro eram duques, marqueses, príncipes de sangue que lhe surgiam. Em certas ocasiões, poetas tristes também vinham da noite úmida a cantar-lhe os supostos encantos, os esplendores, as graças melancólicas. — Sou a musa da morte, sou a noiva do sepulcro, costumava confidenciar-nos, olhando-se no grande espelho do quarto, enquanto ajeitava com as longas mãos reflexivas os cabelos. Quando lhe aprazia, mostrava-nos álbuns com fotografias.

★ Víamos, então, surgir dêsses álbuns o passado de Joana. O pai de bigodes murchos, a mãe de luto encostada à soleira de alguma casa já destruída, o irmão gordo, de pince-nez, precocemente grave, a irmã Tuldinha — que Deus recolheu aos quinze anos — e também numerosas imagens da própria Joana de Luanda em poses diversas, desde a primeira idade até à juventude. Joana com asas, vestida de branco, a cauda arrastando, na procissão em Setubal; Joana no cais dizendo adeus a uma nave qualquer, Joana com o conde brincando de ovelha transviada, Joana em Palos, Joana à porta de um hotel, Joana no dia das bodas com o Analometa em êxtase.

Quem poderia crer que a louca de Bom Retiro vivera tanto, atravessara tantas horas que ressurgiam de repente das velhas fotografias, tão ricas de seiva, tão intensas de palpação, tão interessantes. Deus,

depois, abandonara Joana, tirara dos seus braços o misterioso Analometa, povoara a cabeça da pobre de fantasmas, de ninfas, de carmelengos, de naves raras que nunca navegaram em outros mares, senão os que na cabeça da louca se agitavam — mas apesar de tantas desventuras, o destino lhe oferecera um passado, êsse estranho passado de que davam testemunho as fotografias de seres desaparecidos, de paisagens, de casas, de ruas, de pequenas e grandes cidades.

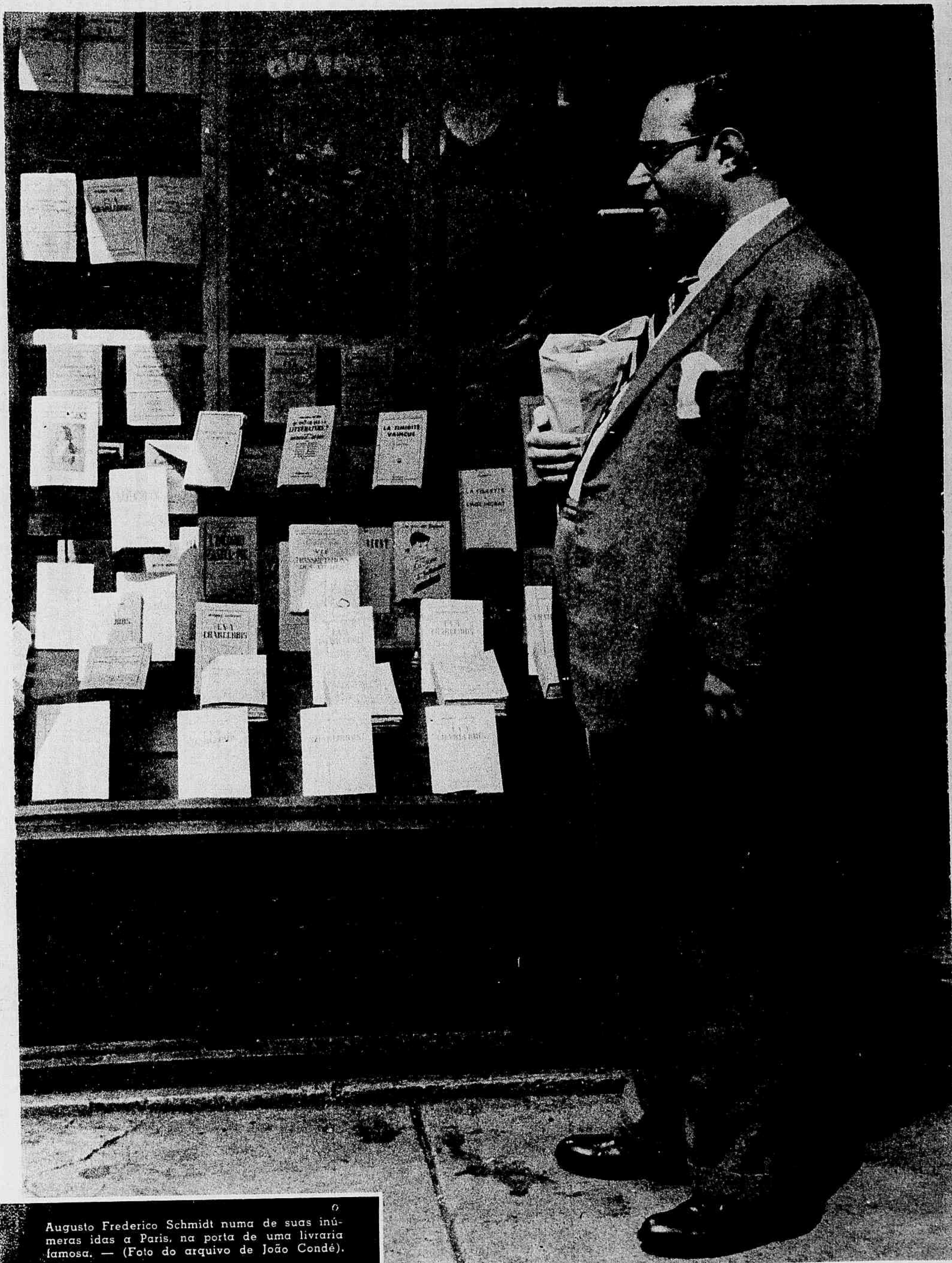
A lunática, a maricondesca, como ela própria se qualificava, a Ofélia que não morrera afogada e envelhecera coberta de lírios, essa pobre sombra surge-me, neste instante, na primeira hora da alba, trazida nos braços dos anjos. Vejo-a, é a mesma criança de rugas, o rosto enfarinhado e lunar. Olha-me, entre risonha e espantada, diz-me adeus de maneira serena e esvai-se com as primeiras luzes do dia.

★ Fala-me T. da morte de uma pobre rapariga — sua antiga criada de serviço, maltratada pela vida — que um caminhão pegou em Botafogo quando saía para fazer compras. Depois do desastre, levou a infeliz muitas horas desacordada, já pela metade no outro mundo; de repente despertou, tornou-se lúcida e espontaneamente declarou-se assustada por não ter recebido o batismo; pediu então sacerdote, fez questão de confessar-se e só não tomou a comunhão porque a morte apressou-se em recolhê-la. T. fala-me da rapariga dizendo-me que ela não sabia ler, que era apagada, mas extremamente simpática, doce mesmo, sem ressentimentos, mansa de natureza, delicada. Não teve nada neste mundo mas, de súbito, na hora da partida trágica, toda machucada, lembrou-se de Deus e procurou comparecer diante da Eternidade em condições corretas.

Em silêncio T. e eu pensamos na morte humilde e no mistério em que todos nós, seres criados, vivemos.

A pobre atropelada nascera para a vida e não para a morte; nascera para o encontro final com Deus. Guardava ela qualquer coisa de puro e de alto em sua alma; uma semente de fé lhe penetrara um dia, talvez na infância miserável, e na hora do mergulho no desconhecido, florescera em sua alma e dera fruto essa semente perdida.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT



Augusto Frederico Schmidt numa de suas inúmeras idas a Paris, na porta de uma livraria famosa. — (Foto do arquivo de João Condé).

A NOVA SENSACÃO DO CINEMA



Cara de mongol, habituado com a moda ianque, surpreendeu os franceses que só o conheciam de fotos

PARIS DESCOBRE O DON JUAN 1957 ARMA DE SUA SEDUÇÃO: UMA NAVALHA

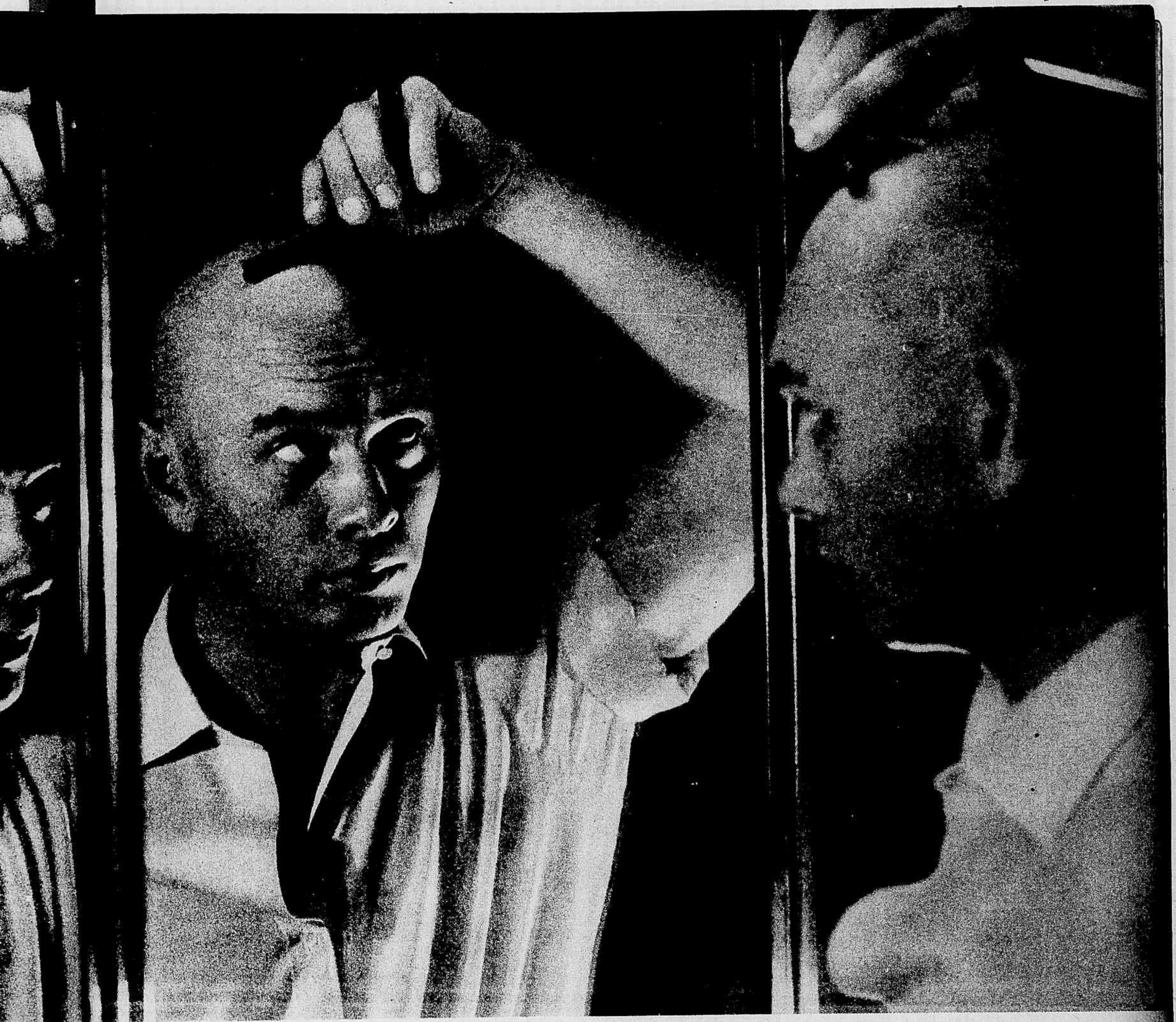
♦ No cinema americano, vários tipos de beleza masculina tem aparecido e dominado. Charles Boyer foi absoluto durante muito tempo. Depois vieram Bing Crosby, Frank Sinatra e outros. Há uns três anos, como a maior revelação de ator dos últimos 20 anos, e como um tipo de beleza realmente impressionante, apareceu Marlon Brando. Agora, desponta como a nova sensação, Yul Brynner. Ontem se usava cabelo a Marlon Brando. Hoje já se começa a usar o crânio raspado «a la brynner». Os ingleses proclamam: «é o homem do ano». Os americanos, com um olho na bilheteria, espalham para o mundo «que Yul Brynner é a nova sensação feminina». Mas a verdade é que apenas com três filmes, ele já é um ator discutido e comentado e um homem invejado e imitado. Antes da guerra ele fez muitas coisas. Do circo aos «night-clubs», do trapézio à guitarra, tudo serviu para que ele defendesse o difícil pão nosso de cada dia. Estudou na Sorbonne, é diplomado em filosofia, mas dentro em pouco bastará (ao chegar em qualquer lugar) dizer apenas: «eu sou Yul Brynner». E todas as mulheres o adorarão.



Três vezes por semana, Yul Brynner raspa

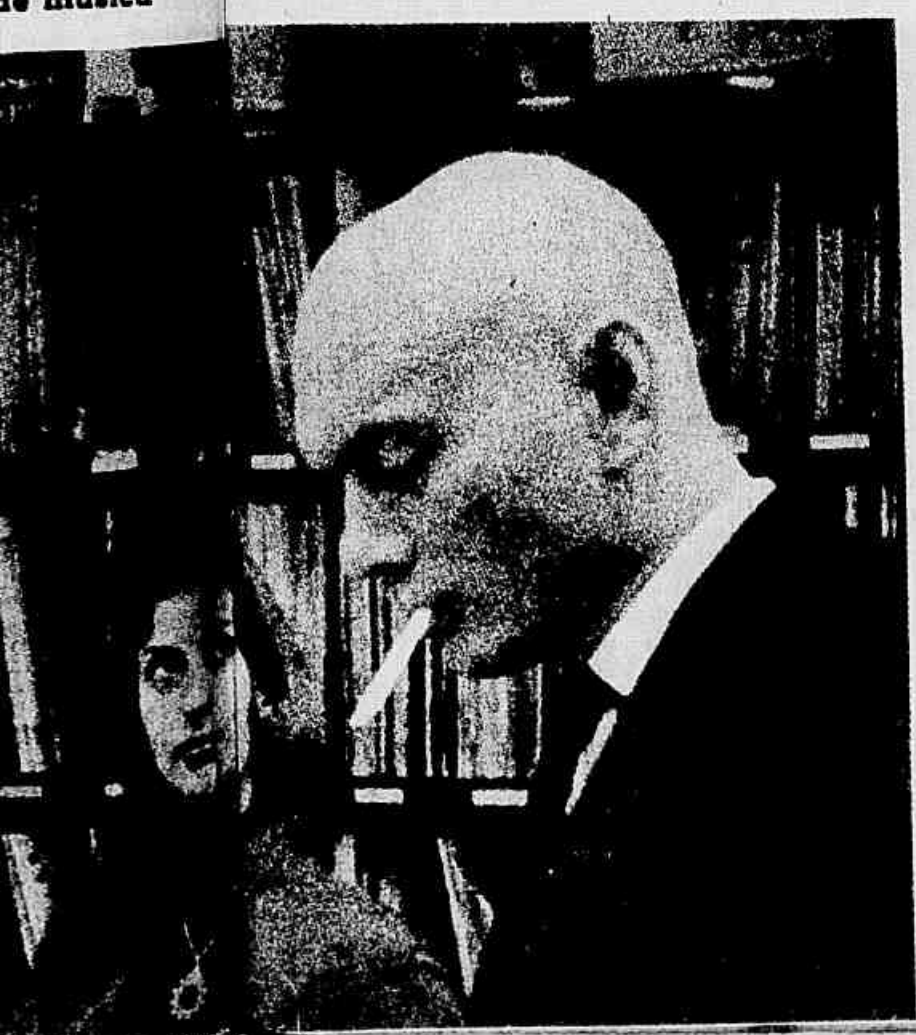
Brynner em Paris, procura discos de música





ner raspa
de música

cuidadosamente a cabeça, como o que chama o «sobre». Ele destronou do trono «dos sedutores», Bing Crosby, Charles Boyer, Frank Sinatra e outros.
zingara. Antes da guerra foi guitarrista de «night club». À direita: Mesmo em Saint-Germain, de-prés, Yul provocou curiosidade. Queriam conhecê-lo.





CLÓVIS SALGADO:

“NO BRASIL O ENSINO PARTICULAR É MUITO CARO”

O MINISTRO DA EDUCAÇÃO FALA COM EXCLUSIVIDADE A “REVISTA DA SEMANA” ★ A PORTARIA 204, O AUMENTO DE ANUIDADES, SALÁRIOS DE PROFESSORES E OUTROS

A «REVISTA DA SEMANA» publicou uma reportagem (nº 6, de 9 de fevereiro de 1957), de enorme repercussão, sobre o problema do ensino particular no Brasil. Publicada a reportagem, procuramos entrevistar o sr. ministro da Educação, que não se negou a falar sobre o assunto. Ao entregar ao público as declarações do sr. Clóvis Salgado, queremos deixar bem claro, que o fazemos apenas em obediência a um princípio de ética jornalística. Não concordamos com a ação do sr. Clóvis Salgado a frente do Ministério e achamos mesmo que há muito ele já deveria ter sido exonerado. Há também uma evidente contradição entre as palavras do ministro e a sua ação no Ministério. Mas isso é lá com s. exa. Voltaremos ao assunto.

“A Consolidação das Leis do Trabalho, no artigo 323, fixa a competência do Ministério da Educação e Cultura para estabelecer os critérios de remuneração condigna aos professores.

“Com base nela, baixou o Ministério sucessivas portarias, entre as quais as de ns. 204 e 887. A 887 sendo a última em data, é a que está em vigor.

“Entretanto, competente é também a Justiça do Trabalho para dirimir questões isoladas e dissídios coletivos. Por isso, vigentes também são as decisões da Justiça, decisões e suas limitações próprias.

“A remuneração dos professores é baseada na anuidade e no salário mínimo, calculando-se o salário-aula pela fórmula: $(SMR + A - 30\% SMR) \div 120$. O Ministério da Educação e Cultura deixou de aplicar o salário mínimo de 1954, isto é, o de Cr\$ 2.400,00 — continuando os professores a receber pelo anterior, de Cr\$ 1.200,00, até 1º-8-56, quando o salário mínimo foi elevado a Cr\$ 3.800,00, entrando automaticamente na fórmula. Por isso houve grande elevação do salário do professor.

“Resultado: os colégios sofreram nos seus orçamentos uma sangria de que não puderam refazer-se, no meio do ano, pois

ASPECTOS DO PROBLEMA DO ENSINO ANALISADOS PELO SR. CLÓVIS SALGADO ★ O MINISTRO PROPÕE SOLUÇÕES (TEÓRICAS) QUE ELE MESMO NÃO TENTA APLICAR

as anuidades só podem ser majoradas no início do período letivo. Era natural que procurassem compensação em 1957. Por isso, o MEC mandou calcular o aumento justo para cobrir o acréscimo da despesa com o professorado, permitindo a cobrança de uma quota de cobertura, excluída da anuidade.”

COLÉGIO CARO

Depois de o Ministro Clóvis Salgado haver exposto o seu ponto de vista sobre a questão, perguntamos-lhe o que vem fazendo o governo para conceder ensino gratuito aos necessitados.

— Fora do Pedro II o único meio de que dispomos é o da concessão de bolsas de estudo. Para o ano de 1957 despendemos Cr\$ 73 milhões para garantir ensino médio aos sem recursos, — disse o Ministro.

Adiante, respondendo sobre se é caro o ensino médio no Brasil, depois de frisar que o MEC possui apenas competência limitada na fixação de anuidades — que é feita pela diretoria de cada estabelecimento, a seu bel prazer — afirmou o sr. Clóvis Salgado:

— Considerado em relação ao ensino oficial, no Colégio Pedro II, não, pois este deveria constituir o estabelecimento-padrão. Mas tomando por base a situação brasileira média, pode-se afirmar que o ensino (particular) é caro, muito caro.

Como solução para o problema do ensino, agravado a cada ano, o Ministro da Educação declara que “o Estado deveria aparelhar-se para suprir esta deficiência”.

N. R. — “O aumento justo para cobrir o acréscimo de despesa com o professorado” a que alude, acima, o sr. Clóvis Salgado, está contido na portaria 460, elevando as jóias de matrícula. Acontece, que muitos colégios que dela não puderam utilizar, majoraram as já escorchantes anuidades, dando como justificativa o “aumento dos professores”.

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias. Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, é o substituirá. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e solidamente encadernado Cr\$ 160,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

FALANDO AO LEITOR

O sr. Rogério de Freitas quer saber quando vai chegar o avião «Viscount» do presidente, e se havia necessidade mesmo de comprá-lo. O avião do presidente já chegou, sr. Rogério. É um avião poderoso, lindíssimo, confortável, e já que o sr. Juscelino Kubitschek gosta mesmo de viajar pelo ar, era imprescindível, a sua compra. Pois assim as suas viagens serão feitas com mais segurança. Na aquisição do «Viscount» só há um ponto obscuro: por que o sr. Rocha Miranda foi o intermediário, embolsando polpuda comissão, quando a compra poderia ter sido efetuada por intermédio do Ministério da Aviação?

Agradecemos as cartas dos srs. Mauro Miranda, Antônio Migueis, Roberto Luna, Carlos Delamare, Francisco Viug Salustiano, Milton Moraes Lacerda e Luís Fernando Paulo que enviaram parabéns a «Revista da Semana» pela reportagem «5 homens (em 20 anos) arrasaram o Distrito». Também agradecemos os inúmeros telefonemas que recebemos pelo mesmo motivo. Estamos reunindo mais dados sobre a gestão dos srs. Alim Pedro e Mendes de Moraes e voltaremos ao assunto.

A «Revista da Semana» continua contratando novos elementos para a equipe no setor reportagem. Vejamos alguns dos nomes que comparecem semanalmente: Ely Azeredo (cinema), Paulo Francis (teatro), Mauro Braga (reportagem em geral), Antônio Carlos Nogueira (rádio e televisão), Carlos Lemos (reportagem em geral), Elmo Lins (esporte), Antônio Rocha (reportagens diversas), Hernando Nobre Alves (reportagem internacional), Ana Verônica (entrevistas com personalidades estrangeiras), Sérgio Roberto (política), Luiz Sodré (reportagens diversas), Fernando Lôbo (rádio), Mr. Eco (vida noturna), Sílvia Donato (entrevistas em geral).

Chamamos a atenção para a reportagem deste número de Alberto Ferreira e Sílvia Donato, sobre Marlene, a estrêla do rádio e da televisão.

Foi muito grande a repercussão da entrevista do sr. Nelson Rodrigues sobre o teatro brasileiro. Também nos chegaram muitas reclamações sobre «a injustiça do sr. Nelson Rodrigues em relação a Tônia Carrero, Cacilda Baker, Celli, Vanneau, Bollini», etc., Não temos nada com as generalizações do sr. Nelson Rodrigues. Ele é maior de idade, vacinado, casado, e dono de suas próprias opiniões. A única coisa que exigimos de nossos entrevistados é que tenham lastro suficiente para agüentar as suas declarações. E isso ninguém discute que o sr. Nelson Rodrigues tem de sobra.

Yllen Kerr (30 anos, elegante, simpático, prêmio de viagem à Europa de gravura) e Alberto Ferreira (24 anos, solteiro, entusiasmado pela sua profissão) são dois dos elementos encarregados das nossas reportagens fotográficas.

Ha quasi
UM SÉCULO
MILHARES DE HOMENS
EM TODO O BRASIL
PREFEREM ESTE
CALÇADO



UMA
TRADIÇÃO
DE
ELEGÂNCIA
E
QUALIDADE

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº
NOME Nº
RUA Nº
CIDADE
ESTADO
Preço no varejo Cr\$ 88,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 125,50
Por Vale Postal Cr\$ 113,00

COMO APRENDER A DANÇAR

8ª EDIÇÃO AMPLIADA

com os últimos passos de cha-cha-cha, Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 100,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo



Gynegon



Instituto Biológico do Rio de Janeiro —
Caixa Postal. 1.202

no melhor da festa...



...pode faltar luz!

A precaução evita contratempos!
Um defeito na instalação da sua casa pode ocasionar a falta de energia elétrica: examine os fusíveis e substitua o que estiver queimado.

Como os demais reparos nas instalações elétricas internas, a troca de fusíveis é atribuição do próprio consumidor.

Use fusíveis aprovados pelo D.N.I.G.

TENHA SEMPRE EM SUA CASA FUSÍVEIS DE RESERVA



Férias conjugais resolvem seu problema cuidado com o falso cronista social deixem o maridinho solto



A cantora Marlene, personalíssima em seu estilo, mais atriz que qualquer outra coisa, costuma escandalizar a burguesia com a facilidade com que entra em detalhes de sua vida particular, para a reportagem. Inocentemente é ela própria quem explica... «Uai, isso não tem importância nenhuma. Sempre que conto algum detalhe mais íntimo de minha vida é com a intenção de ajudar casais jovens, em pequenas dificuldades». E Marlene engrenou, foi contando coisas, contando coisas...

Texto de SÍLVIA DONATO

Ektachromes de ALBERTO FERREIRA

◆ **FÉRIAS CONJUGAIS** — «Olha aqui, muitas vezes, em conversa com amigas bem casadas, fico surpreendida com as queixas que elas fazem dos seus respectivos. «E' porque fulano tem a mania de usar uma loção horrível, que deixa o cheiro forte em todo banheiro, verdadeiramente insuportável». — «Meu marido é gozado, imagina que ele pára na praia para olhar uma mulher de biquíni e no entanto, não permite que eu use um igual». — «Pois o meu tem um costume que bate o de qualquer uma de vocês. Adora comer cebola crua. E' o seu «hobby». Vem chegando do trabalho e já sabe, cebola crua para dentro. Isso na intimidade, porque quando estamos esperando visitas, quem diz que ele come cebola.

No entanto, comigo, não tem contemplação». Muitas e muitas outras queixas bem parecidas com essas são desfiadas. Sabem o que é isso? Falta de férias conjugais. E' muito bom que o casal tenha uma separação, ao menos, anualmente. A mulher vai para um lado o marido para o outro: E' importante uma cartinha bem carinhosa, não dêle, dela, falando em saudade, recomendando coisas relativas as suas roupas, a casa, ao carro, ao trabalho. Bem curta e bem clara. Isso fará com que o homem lembre que tem alguém velando por ele, mesmo a distância, e os homens adoram ser lembrados, cheirados, acarinhados. Nunca um homem tem coragem de tomar uma atitude agressiva com a mulherzinha ranheta, porém carinhosa. Por isso, recomendo as minhas amigas: não tenham receio, larguem o maridinho na praça, garanto que ele voltará direitinho para casa».

◆ **DELFINO NÃO É UM MARIDO PERFEITO** — Entrevistar a explosiva Marlene é um não mais acabar de ouvir coisas, dar grandes gargalhadas, gostar de estar vivendo. Ninguém consegue desviar sua atenção da reportagem. A nossa volta já há um mundo de gente. Todos discutem suas opiniões, cada um querendo saber mais que o outro. Marlene é a voz mais alta, mais convincente e ela continua a falar, falar, falar...

— Delfino não é um marido perfeito; pelo contrário, está muito longe disso, mas aí é que está a novidade, na sua imperfeição. Claro que ele não tem o costume de tirar a roupa quando vem da rua e ir guardando cada coisa em seu lugar. Muito menos de procurar um cinzeiro para seu uso. Também não é desses que quando acaba de comer fica refastelado lendo um jornal. Nada disso. Ele quer con-

versar, saber das coisinhas caseiras, dos meus ensaios, das peraltices do nosso garotinho. Assim nós somos pacificamente felizes. Eu não sou nenhuma maravilha de esposa. Isso confesso sem vergonha nenhuma. Não costumo dar palpites quanto às suas roupas, não reclamo quando o velocímetro marca 120 na estrada Rio-Petrópolis. Não dou chique quando ele chega tarde para almoçar, em compensação, não passo horas serzindo suas meias, preferindo jogá-las fora. Faço minhas excursões artísticas sem a menor preocupação com relação à casa, achando que tudo acabará bem; também já aprendi a não reclamar quando a coisa não sai bem. Na hora das refeições, espero até que meu estômago agüente; ele não aparecendo, faço meu prato e vou comer na sala, vendo televisão. Agora, cá para nós: um marido perfeitamente perfeito, deve ser um desacerto, não é não?

◆ **ARTISTICAMENTE FALANDO...** — Marlene, que já traz Vitória em seu nome próprio, começou cantando na rádio Bandeirante de São Paulo, em um programa da Federação Paulista de Estudantes, escondido da família. Seu batismo foi feito pelos colegas. O nome de guerra ficou Marlene. Em casa, os primos comentavam o programa da Federação, sem sonhar que a cantora era ela.

Em 1942, no Cassino Icaraí, a moça fez um teste e foi contratada por seu jogo de cena, como «crooner» da orquestra. Estreou com o «Não sou daqui, sou de Niterói». Em 43, Carlos Machado a ouve e dois meses depois o Rolas a convida para a Urca. Nesse mesmo ano foi escolhida por Machado para ir à Argentina, com sua orquestra. Foi sua primeira viagem como profissional. Em 45, embora contratada pelo Copacabana, vai cantando com a orquestra de Simão Butman para o Uruguai; todos convidados pelo governo. Quando acabou o jogo em 46, Marlene estava de volta na Urca. Em disponibilidade aceitou trabalhar para Lúcio Schiller no teatro musicado, onde permanece até que Carlos Machado a chama para o Casablanca. 1947, Caribé da Rocha requisita a moça para o Copacabana Palace. Fica por dois anos e meio. Nessa época, Marlene é convidada para ir aos Estados Unidos cantar por 175 dólares mensais, para o «Blue Angels». Aconselhada por Caribé que a achou «verde», recusa. O ano de 48 marcou sua entrada para o rádio, quando concorreu ao título de «Rainha dos Radialistas», instada por Vitor Costa, então presidente da A.B.R. As outras candidatas eram



No verão, Marlene passa os dias na piscina. Às vezes, ela e Dellino ficam na piscina até de madrugada. Ali fazem as refeições, estudam papéis de de teatro e às vezes até dormem.

REVISTA
DA SEMANA





Marlene na sua fabulosa casa de Petrópolis. A casa tem uma piscina excelente, onde Marlene e Dellino passam os fins de semana com amigos.

MARLENE



Marlene tem o seu fã-clube que não falha nunca. Ela no auditório da Rádio Nacional, numa de suas exibições.

fortíssimas e era o primeiro ano em que a «rainha» seria eleita por votos comprados. Caribé arranhou-lhe um patrocinador entusiasta, Raul Guastini, da Antártica. Com 700 mil votos, muita coisa para a época, Marlene foi eleita. Em 50 deixa o Copacabana e volta ao Carlos Machado, agora no Monte Carlo.

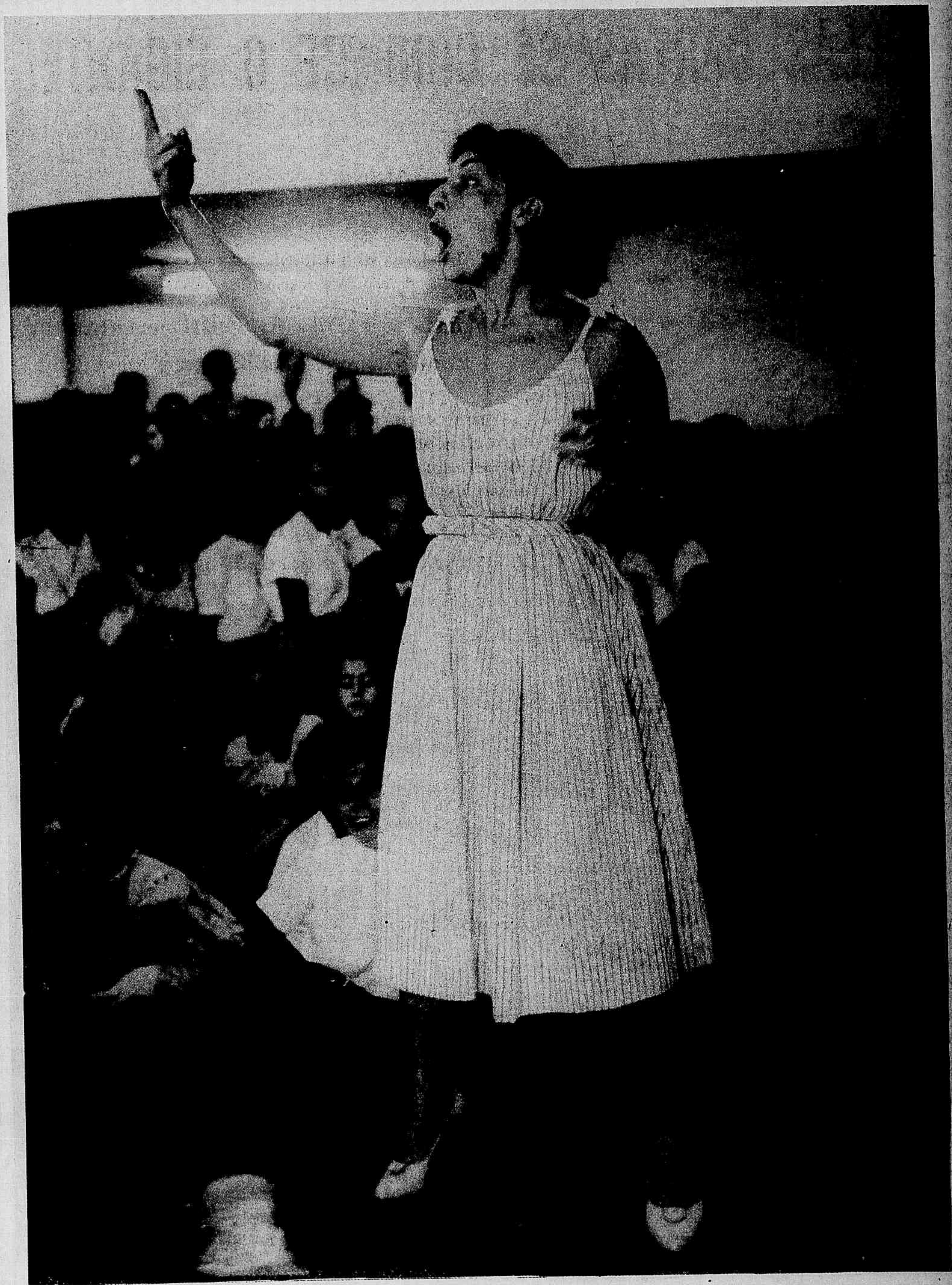
Tôda Europa, Londres e Paris, mais Argentina, Portugal e Espanha, foi seu roteiro de viagem no ano de 1951. Nos países estrangeiros era apresentada, por mais que reclamasse, como a «rainha do samba da Argentina», porque eles acreditavam que a Argentina fôsse a capital do Brasil. Entre 51 e 52, faz o principal papel do filme nacional «Tudo Azul», quando vem a conhecer Luís Delfino, por quem se apaixona e faz as cenas de amor com muita realidade, redundando o filme em sucesso total. Dali saíram para a pretoria e igreja. Foi um casamento. Vamos pular sua viagem ao Chile, sua filmagem na Argentina, sua excursão em Punta del Este, vamos para...

◆ «UMA NOITE NO RIO» — Jantando em casa de Vítor Costa o casal Marlene-Luís Delfino tivera oportunidade de rever Lúcio Schiller que estava organizando a carevana que iria a Nova York participar do «show» «Uma noite no Rio» a ser realizado no Waldorf Astória, pela Varig. Falou-se na ida de Marlene. Quinze dias depois ela era convidada por Cabral, diretor de Relações Públicas da companhia. Marcam uma reunião no Copacabana com o Conde Rasponni, Ibrahim Sued, Hélio Guerreiro e o Oscar Ornestain. Por estar doente deixa de comparecer Ari Barroso. Esse grupo combina todos os detalhes do «show», ficando Marlene encarregada de arranjar com Ataulfo Alves os ritmistas, uma vez que Carlos Machado negou-se a ceder, ao menos três, dos seus. Rasponni partiu sossegado, para dar andamento a festa. Na hora de preparar sua vestimenta, Marlene ficou

em grande incerteza. De maneira alguma ela poderia apresentar-se aos americanos como uma segunda Carmem Miranda, de baiana, bananas feito turbante saltos altíssimos e balagandãs. Encarregou José Ronaldo dessa parte, entregando a Mary Angélica a confecção do vestido, vestido esse que foi elogiado até pela imprensa social americana, chamando justamente a atenção, a preocupação da cantora em não apresentar-se de baiana.

Dez dias antes da grande festa Marlene chegou a Nova York. Foi acometida de uma indisposição na pele e ficou seis dias sem sair do hotel. Quase morre de susto, quando, três dias antes do espetáculo, aparece o Carlos Machado com uma comitiva de 36 pessoas, com tôdas as despesas pagas, e, comentava-se, com 500 mil cruzeiros de ajuda por ter fechado a boate, enquanto os outros convidados só tiveram direito a estadia por dez dias. Nessa altura a confusão era geral. Já não havia um responsável. Machado inocentemente estranhou o fato de Marlene estar nos Estados Unidos (como se ele não lesse jornais). Estranhou tanto que não colocou seu nome no programa e depois tentou consertar dizendo que ela era um número de seu «show». Marlene reclamou e exigiu ser apresentada à parte e como «Rainha do Samba». Machado estrilou e disse que o único rei ali era ele, ele, o «Rei das Noites Brasileiras», conforme se fez anunciar. O espetáculo durou pouco mais de vinte minutos e Leny Eversong foi obrigada a cantar na hora do jantar, pois Machado não teve contemplações.

Entramos em todos esses detalhes da carreira de Marlene até sua ida aos Estados Unidos, simplesmente porque a cantora queria esclarecer os incautos para fatos que nunca aconteceram e que certo cronista social anda sacando como verídicos. Marlene acredita que esse cronista esteja sendo ludibriado pela pessoa que escreve a coluna para ele... (???)



PELAS CARTAS SE CONHECE O GIGANTE!

Esta é uma verdade documentada :

- MAIS DE 1.000 MUNICÍPIOS - representando 10 MILHÕES de ouvintes, deram esta resposta :

**“Ouvimos a RÁDIO RECORD perfeitamente.
É a Emissora mais ouvida nesta localidade.”**

- 10 MILHÕES de pessoas, em todo o Brasil, aguardam a mensagem de propaganda de seu produto, que pode conquistar novos mercados, novos fregueses, clientes novos, ligados que estão à

RÁDIO RECORD - Emissora de cobertura nacional

50.000 Watts - Ondas curtas de 19, 25, 31 e 49 mts.



* AS cartas recebidas estão à disposição dos interessados nos escritórios da RÁDIO RECORD — Quintino Bocaiuva, 22 — SÃO PAULO.

SEM COMPROMISSO

LUIZ SODRE



Betty Lane Cherry, eleita Miss América de 1956, chega a Itália, na viagem que ganhou junto com o título de a mais bela dos EE.UU.

Anouilh recusou autorização a um empresário alemão para encenar sua última peça.

As forças de ocupação americanas na Alemanha Ocidental gastaram em 1956, 317 milhões de dólares.

O jovem rei de Bangkok (fanático de jazz), convidou a palácio, Benny Goodman e seus músicos. Houve uma animada sessão de jazz, e até o rei andou tocando seus instrumentos favoritos.

São formidáveis as reservas de petróleo que os ingleses tem na ilha de Malta.

Autoridades inglesas, tem a convicção que a questão de Suez não está ainda encerrada. Esperam-se complicações num futuro próximo.

Ava Gardner tem uma proposta excepcional para trabalhar no cinema italiano.

Só na Itália já apareceram 13 sócias de James Dean. Em outros países também se nota fenômeno semelhante.

O dr. Parnell, médico francês, descobriu que os gordos tem mais prazer na absorção de álcool do que os magros.

A fortuna de Aga Khan foi avaliada em 250 milhões de dólares.

Ives Montand recebeu uma proposta para cantar em Moscou. Depois de uma semana de cruéis hesitações, recusou.

Sofia Loren, será a intérprete de um filme dirigido por Alexandre Blasetti, extraído de um romance de Ugo Moretti.

Susan Hayward depois de tentar contra a vida (por motivos sentimentais) voltou ao trabalho em Hollywood. Já completamente recuperada, está filmando «Os Conquistadores».

Rocky Marciano (ex-campeão mundial de box que abandonou o título) comprou um restaurante. Agora está com vontade de vendê-lo e ir para a Itália onde tem muitos parentes.



POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280.00 — Casal 380.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



"Mil" lhe oferece:



BUZINAS Sonoras
TIMPANOS Bim Bam
ELETRICAS - A VACUM - A AR
Colocação imediata

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6194 RIO DE JANEIRO



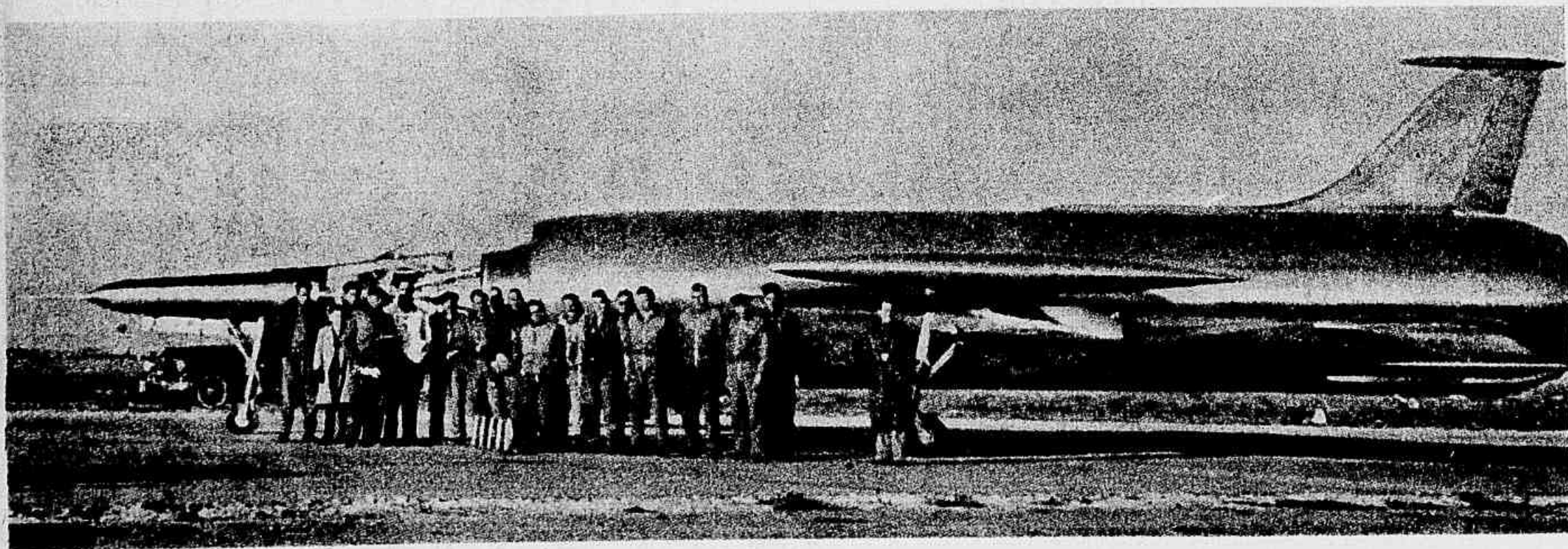


O «Leduc 022», resultado de trinta anos de trabalho e pesquisas, decola maravilhosamente. Os dois sistemas de propulsão ocupam todo o corpo do aparelho.

PRIMEIRAS FOTOGRAFIAS DO "LEDUC" VOANDO

♦ A «forja» do famoso inventor Leduc vem de colocar a França na vanguarda da aviação mundial. Publicamos aqui as fotografias do primeiro voo autônomo do «Leduc 022». Este aparelho dispõe de dois meios de propulsão: o primeiro (turbo-reação) permite-lhe manter-se no ar; o segundo (jato-propulsão) só começa a funcionar quando o aparelho já se encontra em pleno

voo. Graças à conjugação desses dois processos, o «Leduc» atinge uma velocidade de 2.000 quilômetros por hora. A cabine do piloto fica no nariz, que se desprende facilmente a qualquer altitude e velocidade, e sendo condicionada, é insensível às elevações de temperatura. Um prisma com duas lunetas permite uma maior aproximação no momento da aterrissagem.



No início da pista, antes do primeiro voo, a equipe de engenheiros que construiu o «Leduc», está pronta para manobrar o aparelho.

Finalmente, eis o



«Leduc 022» em pleno voo. Com seus 600.000 cavalos de força, este aparelho de interceptação tem uma velocidade duas vezes superior à do som e capacidade para atingir 30.000 metros de altitude.

e e

m sm s m rt

o o o

mumi

sep

ult um ulul lut tumult

imo

s

alt

tal

Amor

OS "CONCRETOS" EXPLODEM COM ESTARDALHAÇO

EXPLICAÇÃO

★ A POESIA CONCRETA é a palavra entregue a si mesma, funcionando em tôdas as suas virtualidades. Para a poesia concreta, o verso não existe e a sintaxe verbal é substituída por uma nova sintaxe visual, que atua segundo as leis de proximidade e semelhança que regem o campo ótico. O poeta concreto é o amigo da linguagem e continua a função milenar da poesia que é a de manter viva a língua.

★ A PINTURA CONCRETA lida com os elementos simples da pintura: côres e formas. Procura organizar êsses elementos segundo uma ordenação intuitiva rigorosamente controlada, e às vêzes com o auxílio de séries aritméticas simples. Sem lançar mão de alusões literárias ou figurativas, a pintura e a escultura concretas procuram um aprofundamento da percepção visual pura.

Reportagem de MAURO BRAGA

Fotos de A. FERREIRA

Artistas e escritores do Rio, pertencentes a uma dezena (ou mais) de escolas que sucederam ao movimento modernista de 1922, foram acordados, no sono tranqüilo a que se davam desde muito nas várias academias espalhadas por êste Distrito Federal, pelo violento impacto com que o grupo concreto tomou a capital da República. Até o dia em que foi inaugurada a "Primeira Exposição Nacional de Arte e Poesia Concretas" — na segunda-feira atrasada — poetas, escritores e artistas dormiam sossegados,

◆ **NOTA DA DIREÇÃO:** — Esta reportagem não fixa a nossa posição em relação ao novo movimento deslechado, e que foi batizado como «concreto». Ela pretende apresentar simplesmente o assunto, que dominou tôdas as rodas, que está sendo discutido, que já tem adeptos fervorosos e adversários intransigentes. A nossa opinião será fixada, depois, em editorial. O que interessa ao leitor no momento, é a exposição do assunto. É o que fazemos com clareza e com exuberância de informação.

com a consciência de que bem cumpriu o seu dever. Pouquíssimos tinham sequer ouvido falar em "poesia concreta" ou "arte concreta". Arte e poesia haviam sido esgotadas por êles, com suas obras. E, conquistados os louros ou as academias, dormitavam todos. Se despertavam, vez ou outra, era para uma borrocho e monótona repetição de frases feitas há milênios.

As primeiras notícias da inauguração da mostra dos concretos se assemelharam a nebulosas surgidas, não se sabe como nem de onde, no horizonte dos pa-

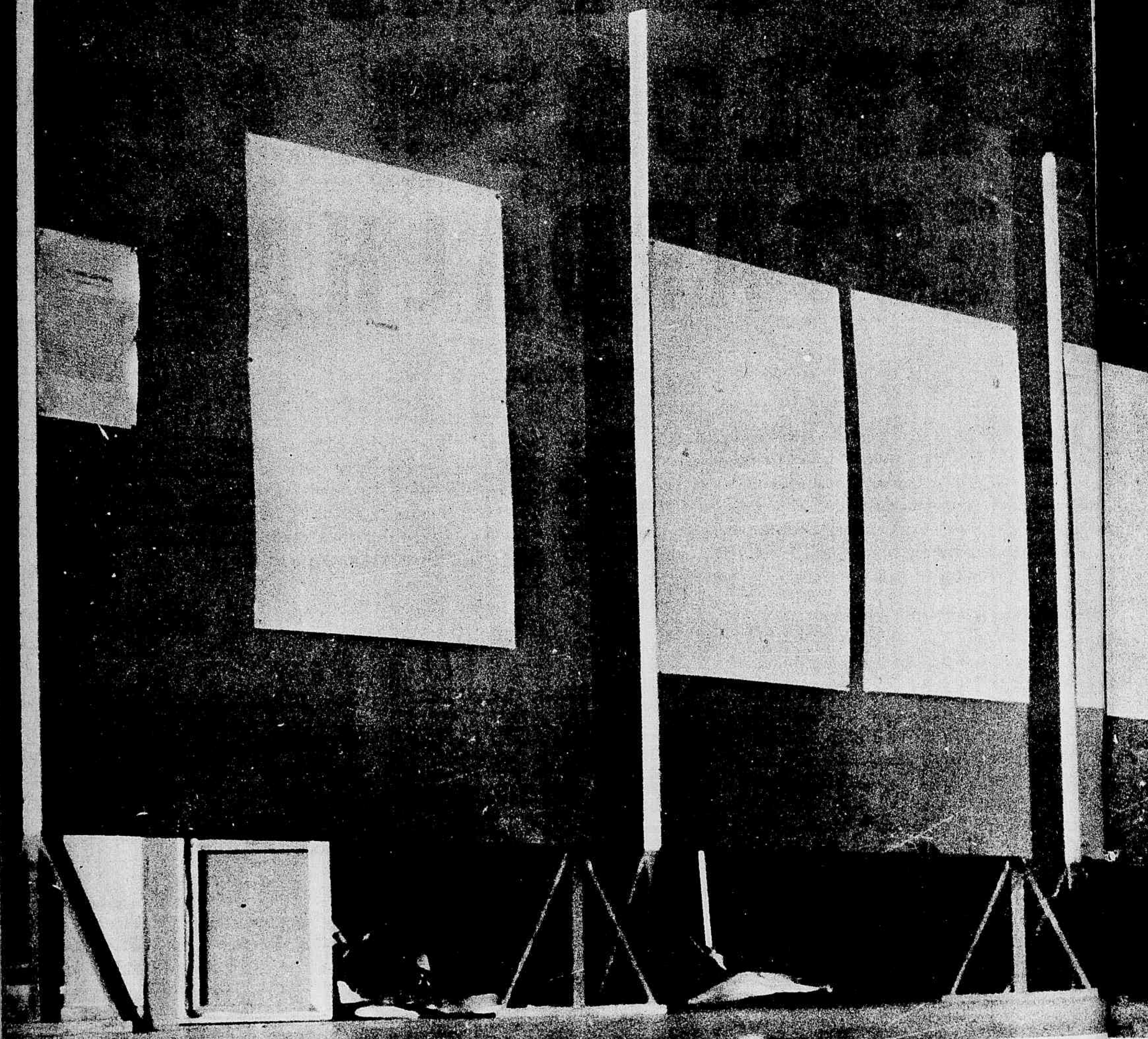
catos homens das letras nacionais. O noticiário da imprensa, as discussões entre estudantes ou mocinhas, forçaram a realidade aos olhos daqueles que dormiam e não queriam ver. E viu-se, então, artistas e escritores da "geração de 45" ou remanescentes do movimento de 22, se erguerem, todos a tomar conhecimento da loucura exposta no salão do Ministério da Educação. Unânicos quase, condenaram o "concretismo". De início, com desdém, mas pouco depois com irritação de quem vê a casa recuar. Dias após à inauguração da Exposição, o concreto tornara-se assunto obrigatório em tôdas as conversas. Nos cafés e até mesmo nos lotações, discutia-se o "Formigueiro" de Ferreira Gullar, os quadros de Ligia Clark ou as esculturas de Franz Weissmann.

O espanto tornou-se maior e o desdém de falsa segurança desapareceu, assim que se soube que Manoel Bandeira aderira ao movimento, compondo um poema concreto, a que deu o nome de "Analieliana" e que foi comprado pelo "O Cruzeiro" por Cr\$ 5.000,00.

OS POETAS CONCRETOS SÃO CONTRA:

◀ A poesia (falsamente) filosófica.
A poesia (falsamente) social.
A poesia profética, patética e autárquica.
A poesia católica e gramatical.
O soneto, o verso livre.
Os professores da crítica.
O automatismo na literatura (e na vida).
O improviso.
Em suma: a geração de 45.

OS "CONCRETOS"



POEMA DE FERREIRA GULLAR, INTITULADO «O FORMIGUEIRO». APRESENTADO EM 8 CAVALETES E 13 QUADROS.

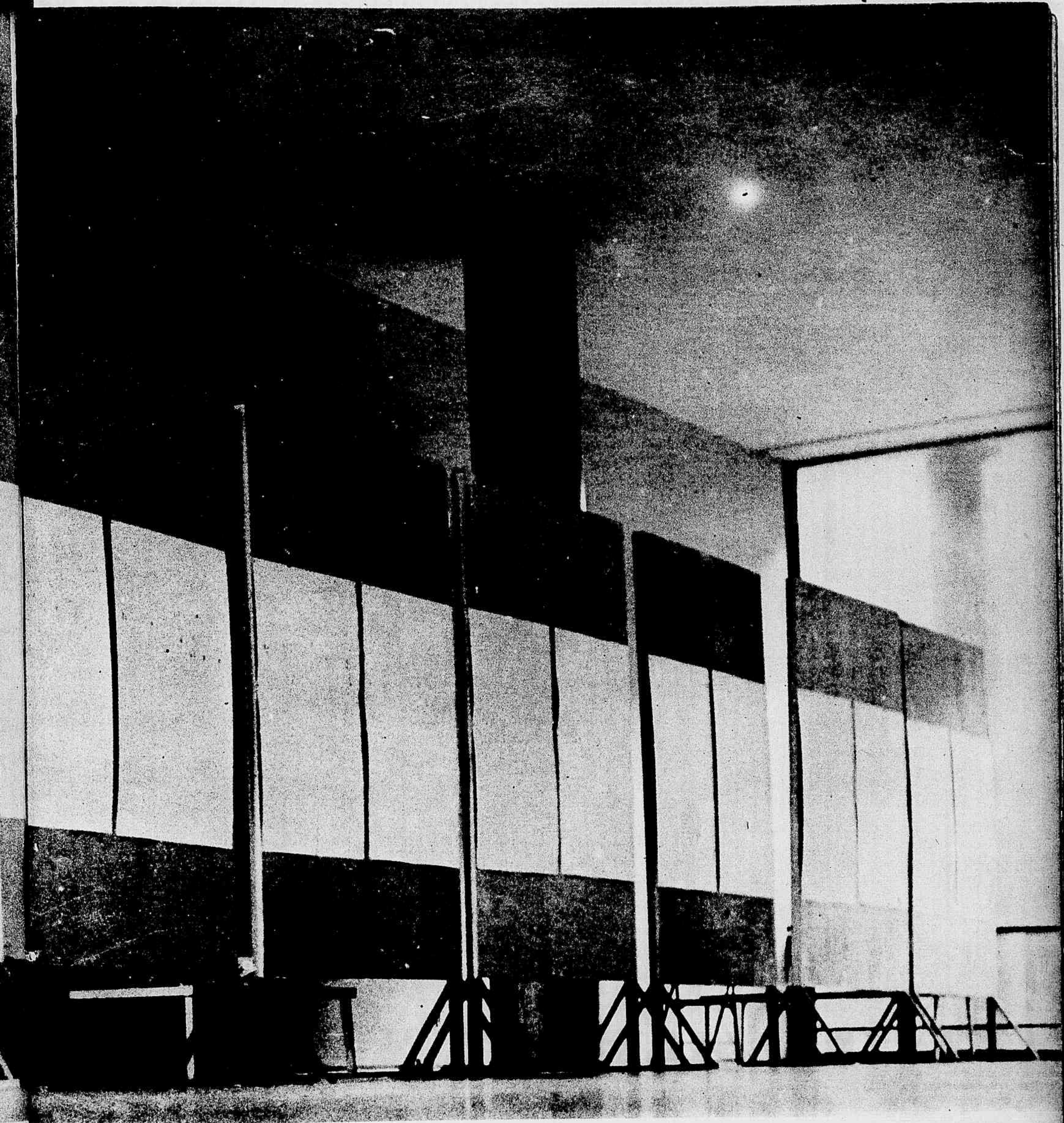
Falou-se, em seguida, que Carlos Drummond de Andrade — um dos raros nomes referendados pelos poetas concretos — também encarava com simpatia o movimento. Tais notícias, se levaram a alegria ao grupo renovador, desesperavam os grandes da literatura ou das artes. José

Lins do Rêgo, Augusto Frederico Schmidt e tantos outros não conseguiram compreender a atitude tomada por Bandeira, um poeta de espírito sempre moço.

Quanto aos críticos, verificou-se um silêncio total. Mas, Mário Pedrosa não

hesitou em ver no concreto um movimento sério, destinado a abrir novos rumos para a poesia e a arte.

Curioso é que a "poesia concreta" tomou conta da Exposição, fazendo com que sobre ela se concentrassem as rea-



DESPERTOU ENORME CURIOSIDADE. FOI (E CONTINUA SENDO) O PONTO DE MAIOR DISCUSSÃO DA EXPOSIÇÃO.

ções de todos. A revelação de que os poetas concretos haviam abolido a "sintaxe das palavras" criando a "sintaxe visual", numa revolução que implica na criação de uma arte poética inteiramente nova e diversa daquela que vem sendo imitada desde Homero, levou o pasmo a

muitos. Mas foi bem aceita por alguns e pareceu bastante sugestiva a outros.

Não é mais possível continuar fazendo poemas que nada querem dizer. Não é possível continuar fazendo poesia com os recursos de sempre, os mesmos utilizados por todos os poetas, desde os tempos

mais distantes. Convencidos de que a poesia — como até então era ela entendida — estava completamente esgotada, superada, os concretos decidiram "desintegrar" as palavras, a exemplo do que foi feito em "O Formigueiro". As palavras foram, assim, novamente criadas, adqui-

Os "Concretos"

OS PINTORES CONCRETOS
SÃO CONTRA:

A (falsa) pintura social
A (falsa) pintura figurativa
Os filhotes de Picasso, Braque
e outros filhotes
O academismo moderno
O nacionalismo plástico
O regionalismo plástico
Em suma: o portinascimento

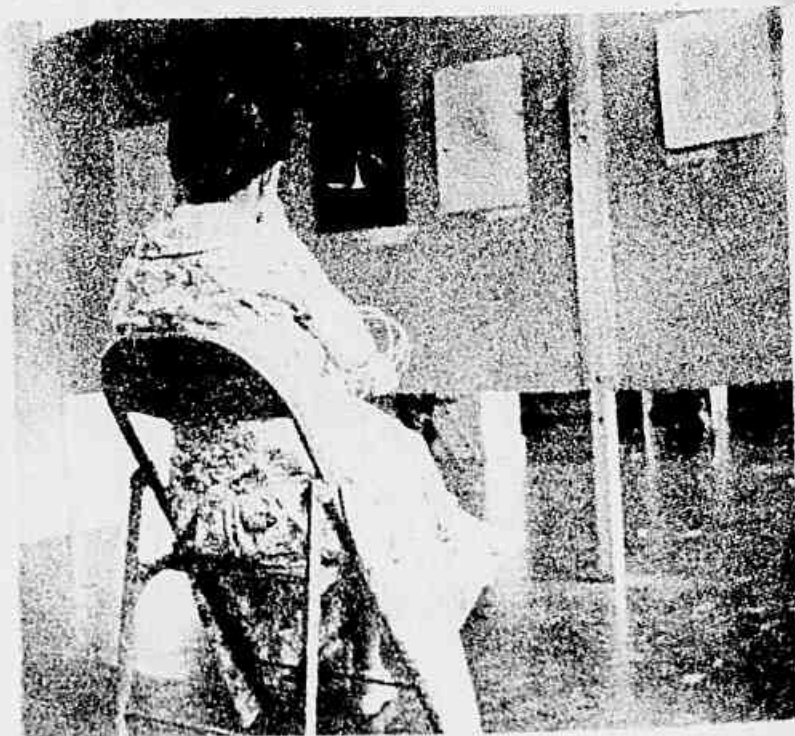
Curiosidade: a escultura (foto) e a pintura «concreta», dominam (em número) a exposição. Mas a poesia alcançou maior repercussão. NA ESCULTURA CONCRETA, o artista substitui a massa pelo espaço, criando volumes virtuais.

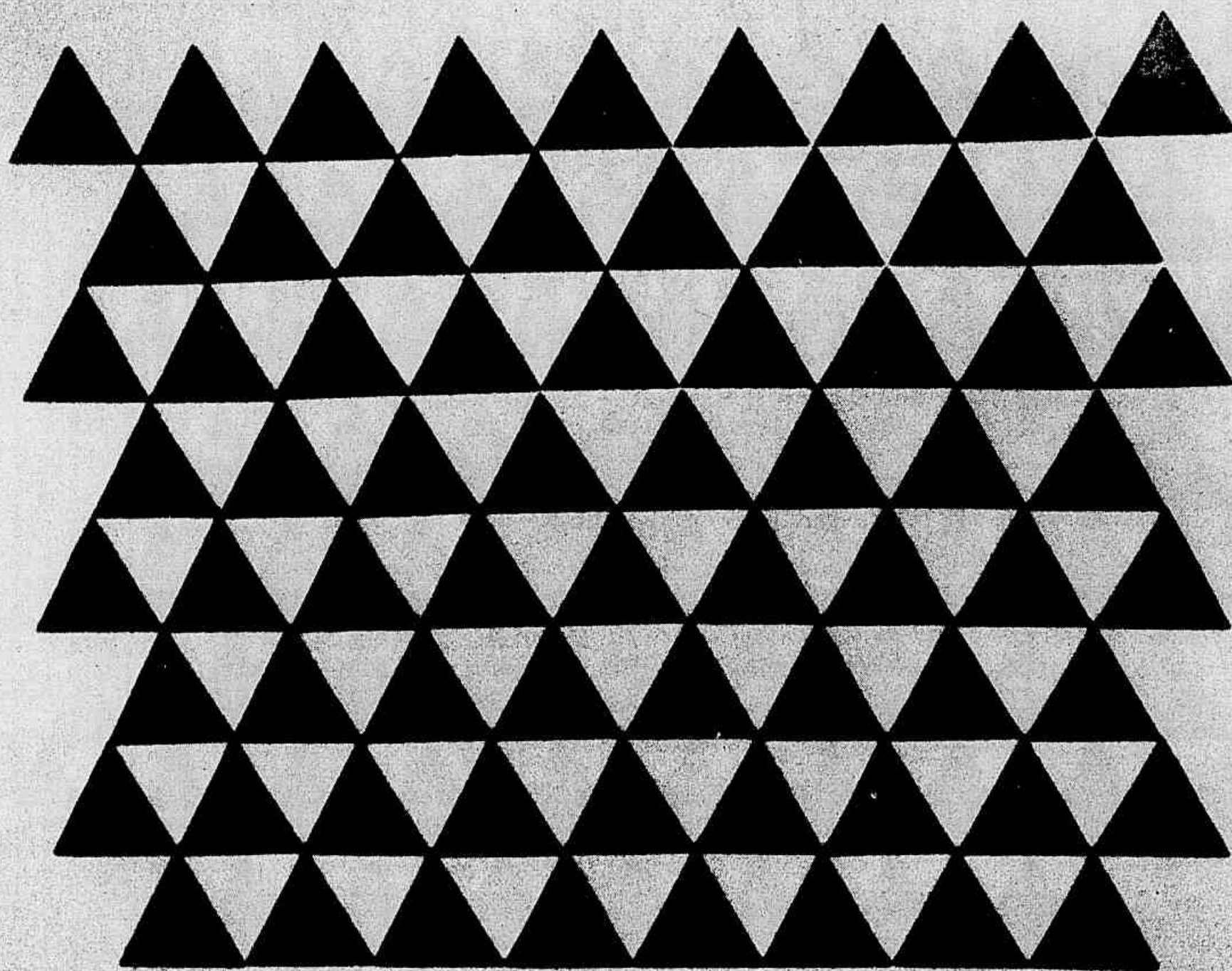
rindo como que nova significação, aparecendo aos olhos isolados, num processo lento e evidente efeito visual. Estava criada a "sintaxe visual".

A Exposição Nacional de Arte e Poesia Concretas mostra esculturas, pinturas e poemas concretos. Mas nada de prosa concreta. Os concretos, por enquanto, são apenas poetas, escultores e pintores. Aham eles que a prosa é anti-concreta. Mas Hélio Pelegrino surpreendeu-os com

dois contos de sua autoria, compostos há meses, e que foram considerados cem por cento concretos. E concreto puro, de excelente lavra. Parece, portanto, que Hélio Pelegrino virá abrir caminho ao surgimento de romancistas, contistas e novelistas concretos.

Uma coisa, não há dúvida, os concretos já conseguiram: interrompida está a pas-maceira e volta-se a falar de Arte, Poesia, Escultura e outras coisas mais.





HISTÓRICO

● **POESIA** — Precursores: Mallarmé ("Un Coup des dés"), os Dadaístas, Ezra Pound e Cummings. (Inclua-se o romancista James Joyce.)

Parentesco nacional: Oswald de Andrade (alguns poemas), Carlos Drummond de Andrade (anterior a "Claro Enigma") e João Cabral de Melo Neto (até "O Cão sem Plumas").

Primeira Exposição Concreta: Museu de Arte Moderna de São Paulo em dezembro de 1956. A segunda é o que se realiza atualmente no Ministério da Educação, no Rio.

Poetas concretos: Wladimir Dias Pinto, Ronaldo Azevedo e Ferreira Gullar (do Rio); Décio Pignatari, Augusto e Haroldo de Campos (de São Paulo).

Livros concretistas: "Noigandres — 2 e 3" (Décio, Ronaldo, Augusto e Haroldo) e "A ave" (Wladimir Dias Pino).

Vários poetas jovens, ainda desconhecidos do público, aderiram ao movimento, depois de inaugurada a Exposição concreta, no Rio.

● **PINTURA** — Precursores: Cézanne, Cubistas, Mondrian, Bauhaus.

Concretos: Max Bill, Gildeward-Vordemberg, Lhose, Albers.

Concretos brasileiros: Ivan Serpa, Lygia Clark, Franz Weissmann, Mary Vieira, Alfredo Volpi, Amílcar de Castro, Luís Sacilotto, Lothar Charoux. Décio Vieira, João José S. Costa, Aluísio Carvão, Waldemar Cordeiro, Fiaminghi, Fejer, Lygia Pape, Hélio e César Oiticica, Maurício Nogueira Lima, Judite Lauand, Rubem Mauro Ladeli.

O TEATRO E' NOSSO

PAULO FRANCIS

A lei que impinge peças nacionais às companhias de teatro, dá idéia de uma «vendetta» da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais contra o empresário Franco Zampari (TBC). Há tempo considerável, o último domina o mercado de textos do Rio e de São Paulo, raramente recorrendo ao produto do S.B.A.T. Seu êxito, nessas condições, é, doravante, considerado ilegal. Resta saber se Zampari sentirá na desagregação da dramaturgia estrangeira e nacional no Teatro Brasileiro de Comédia. Especialistas em sutilezas jurídicas acham a regulamentação da lei maleável. Já se dizem senhores de 33 maneiras diferentes de burlá-la, sem incorrer em suas penalidades.

A S.B.A.T., por outro lado, tem uma vasta experiência de manobras dessa natureza. Jamais as permitirá em prejuízo próprio. Assim, a iniciativa privada de Zampari e congêneres, terá de submeter-se aos designios da única entidade de classe organizada do teatro local. Em sancionando e regulamentando a lei, o governo agiu em conformidade com o espírito da época. A maioria dos concorrentes do Teatro Brasileiro de Comédia já empregavam a S.B.A.T., com regularidade, antes de sua imposição por lei. Sobram exemplos entre nomes respeitadas e desrespeitados: Maria Della Costa, Bibi Ferreira, Rodolfo Mayer, Alda Garrido, Jaime Costa, Sérgio Cardoso, Derci Gonçalves,

Eva Todor, Dulcina de Moraes, etc. A nova ordem em repertório lhes é, portanto, inócua, salvo do ponto de vista econômico: uma competição permanente com o TBC pelos melhores originais brasileiros lhes custará caro.

Os empresários «anti-nacionalistas» constituem exceção. Seus colegas «xenólobos», também. O saldo de concessões mútuas é favorável aos primeiros. Enquanto Zampari ou Carlos Brant encenaram alguns textos brasileiros, Silveira Sampaio e Oscarito jamais ensaiaram uma peça estrangeira. O teatro de revista constitui outro reduto de «xenofobia». Seus libretistas de nacionalidade quase sempre brasileira, também são filhos da S.B.A.T. Zampa-

ri se beneficiará, indiretamente, de uma das exigências legais. Seus concorrentes pobres acham-se ameaçados de falência pela mesma. Trata-se da obrigatoriedade de estreitar companhias e temporadas com originais brasileiros. A procura de textos de qualidade artística e comercial, ultrapassará sempre a oferta. O punhado de autores talentosos em atividade, terá suas obras presentes, passadas e futuras, monopolizadas pelos empresários ricos. Encenando as sobras, as companhias economicamente indefesas não resistirão ao primeiro choque com o público. O pequeno empresário, uma das fontes de renovação artística do teatro, tem os dias contados. (Cont. na pág. 48)

Callado, Brant e Ratto falam sobre a nova lei

♦ CARLOS BRANT é empresário-fundador, com Hélio Rodrigues (falecido), de «Os Artistas Unidos», companhia que comemorou, em 1956, dez anos de respeitável atividade teatral. Incluídos no seu repertório passado, encontram-se originais da importância de «Medea», de Robinson Jeffers, e «Uma Rua Chamada Pecados», de Tennessee Williams. Carlos Brant e Hélio Rodrigues foram os introdutores de ambos os dramaturgos no teatro profissional brasileiro. «Os Artistas Unidos» planejam encenar, no futuro, um repertório não menos ambicioso. Anouilh acha-se presente no mesmo com «Leocadia» e «Colombe»; Julien Green com «Sud»; Cocteau com «Le Monstre Sacré»; Camus com «Le Malentendu»; e Graham Greene com «The Living Room». No momento, Carlos Brant empresa «Chéri», de Colette, há cinco meses em cartaz no Teatro Copacabana. Fará representar em seguida «Loucuras de Madame», de J. Gama, em cumprimento da lei que discute abaixo:

«Sou radicalmente contrário à encenação compulsória de autores de qualquer nacionalidade. Uma lei não fabrica originais de qualidade artística ou comercial. Quase todos os textos brasileiros que me vêm às mãos, são imprestáveis para leitura e representação. Que devo fazer, caso só disponha destes últimos, quando for necessário cumprir a lei? Encená-los, perder dinheiro, e afugentar meu público. Sou acusado de preferir autores estrangeiros a brasileiros. A verdade é bem outra. Emprego peças que julgo compatíveis com o nível artístico e comercial de «Os Artistas Unidos», sem distinção de nacionalidade. Quando encontro textos nacionais que preencham essas exigências, jamais me recuso a empregar-las.

Eis a prova: dos dez anos de atividade da companhia, seis foram dedicados à preparação de repertório, e quatro a «reprises», por motivo de viagem e do incêndio do teatro Copacabana. No primeiro período, fiz representar 7 originais brasileiros, portanto, mais de um por temporada! A maioria destes deu-me prejuízo. E note-se que não lhes faço restrições artísticas, e que sempre lhes dispensei montagens apuradas.

«Duas Mulheres», de Ferreira Rodrigues e Mattos Pimental (1946) e «O Casaco Encantado», de Lúcia Benedetti (1948), constituem as exceções lucrativas; «Um Cravo da Lapela», de Pedro Bloch (1952), pagou as despesas de montagem; os restantes, «O Homem do Sótão», de Agostinho Olavo (1950), «Josefina e o Ladrão», de Lúcia Benedetti (1952), «Os Maridos Avisam Sempre», de Henrique Pongetti (1953), e «Também os Deuses Amam», de José Antônio Amaral Vieira, foram fracassos totais de bilheteria. A julgar pelo currículo de «Os Artistas Unidos», a lei não tem justificativa na necessidade de divulgação de autores nacionais. O governo agiu arbitrariamente, beneficiando-os às custas dos profissionais de teatro que lhe pagam maiores impostos: os empresários.»

♦ GIANNI RATTO veio ao Brasil como cenógrafo do «Piccolo Teatro di Milano», em uma temporada que teve lugar no Rio e em S. Paulo, em 1954. Radicou-se nesta última cidade, aceitando um convite para dirigir a Cia. Maria Della Costa, que iniciava nova fase de atividades. Sua estréia deu-se com «O Canto da Cotovia», de Anouilh. Em seguida, apresentou «Uma Pulga Atrás da Orelha», de Feydeau, «A Moratória», de Jorge Andrade, e «A Ilha dos Papagaios», de Sérgio Toffano. Em 1955, transferiu-se para o TBC, onde realizou dois espetáculos: «Eurydice», de Anouilh, e «Nossa Vida Com Papa», de Russell Crouse e Howard Lindsay, o último atualmente em cartaz no Rio. Em todos esses trabalhos, funcionou sempre na qualidade de diretor-cenógrafo.

Gianni Ratto jamais conheceu o fracasso artístico no Brasil, embora «Eurydice» tenha rendido pouco na bilheteria. É um dos raros profissionais unanimemente admirados pelos colegas da classe teatral. Há dias desligou-se do TBC, achando-se em disponibilidade que, certamente, terá curta duração.

SUA OPINIÃO: a lei estabelece condições econômicas favoráveis ao desenvolvimento da dramaturgia brasileira. Das muitas representações compulsórias há de surgir uma percentagem razoável de bons autores. Estes ainda não existem em número suficiente para suprir as necessidades do teatro nacional, em seu presente estágio de evolução artística.

A lei, sob o aspecto considerado, é positiva. Sua regulamentação, todavia, favorece aos fabricantes de peças e não aos verdadeiros dramaturgos. Obrigado a encenar um original brasileiro por dois estrangeiros, o empresário se servirá dos textos de mais fácil aceitação pelo público, na defesa de seus interesses econômicos. Ele tem bons motivos para isso: quando empresa o repertório estrangeiro, já conta com a garantia de sua recepção favorável em outros mercados. O produto nacional, por sua vez, sendo inédito, permanecerá sempre uma incógnita.

O governo pode corrigir esse desvirtuamento da finalidade da lei, propiciando facilidades econômicas aos empresários: porque não isentá-los de impostos durante temporadas com originais brasileiros, ou subvencionar-lhes as montagens dos mesmos?

A lei é falha se beneficia o autor em prejuízo do empresário.



♦ **ANTÔNIO CALLADO**, uma das figuras exponenciais da nova dramaturgia brasileira, consegue conciliar as responsabilidades de redator-chefe de «O Correio da Manhã», com atividades literárias diversas. Suas obras, até o presente, são em número de sete. Incluem duas novelas: «Assunção de Salvyano», já publicada, e «A Madona de Cedro», cujo lançamento pela editora José Olympio será para breve. Das quatro peças teatrais que escreveu, «A Cidade Assassinada» e «Frankel» foram encenadas pela Companhia Dramática Nacional e pelo Teatro Duse, respectivamente; a última faz parte do repertório da Cia. Tônia-Celli-Autran; «O Colar de Coral» acha-se em vias de publicação pelo Serviço Nacional de Teatro, e «Pedro Mico» abrirá a temporada do Teatro Nacional de Comédia, em 1958. Resta registrar um ensaio biográfico sobre Portinari, publicado recentemente.

SUA OPINIÃO: é pena que a lei não regulamente a obrigatoriedade de educação profissional nas relações de empresários com autores. Ambas as classes muito lucrariam com isso. Desapareceria o vício da quebra de compromissos verbais, e haveria maior consideração e respeito de parte a parte. Com mais educação profissional, empresários e autores coexistiriam pacificamente. Quanto a lei, esta beneficia o autor criando-lhe condições de subsistência econômica e artística. Sua regulamentação parece-me rigorosa em excesso com a bolsa dos empresários. Expõe os mesmos a riscos sem garantias de qualquer espécie. Se isto ficar comprovado durante o corrente ano, a própria S.B.A.T. deve instar com o governo para que reexamine a regulamentação da lei. Empresário falido quer dizer autor em disponibilidade.

Loira ou morena...



Não importa a cor...
Tôdas podem ser **belas e atraentes**
submetendo-se ao método de
beleza do crême ANTISARDINA.
Existem três fórmulas distintas,
cada qual oferecendo os
melhores resultados. Procure
saber qual delas se adapta
melhor à sua pele.

Antisardina



ará de orientar o mesmo em sentido progressivamente comercial, a fim de precaver-se contra o risco compulsório do espetáculo nacional. Expostas as premissas falsas da lei, e algumas de suas consequências prováveis na economia e cultura do teatro local, resta examinar-lhe as origens.

O processo de liquidação da velha guarda do teatro brasileiro, teve início em 1938, com o aparecimento de «Os Comediantes». Estes renegaram o repertório de chanchadas e dramalhões que dominava os palcos da época, em prol de originais de Pirandello, O'Neill, Molière, etc. Da mesma forma, suprimam a inexistência de métodos de produção vigente, importando modelos europeus. O fruto de seu trabalho foi a criação de condições culturais para o surgimento do moderno teatro nacional. Os representantes da velha guarda na S. B.A.T., sentiram-se ultrajados ao se verem preteridos por O'Neill, Pirandello, etc. Os únicos dramaturgos nacionais encenados por «Os Comediantes» foram Nelson Rodrigues e Lúcio Cardoso, até hoje combatidos pelos seus colegas superados.

Econômicamente, porém, a velha guarda resistiu ao impacto da nova mentalidade teatral por dez anos. O TBC, surgido em 1948, deu-lhe o «coup de grâce». Os descendentes espirituais de «Os Comediantes» dominam, hoje, o teatro brasileiro, do ponto de vista econômico e artístico. Numéricamente, constituem minoria: TBC, Cia. Maria Della Costa, Cia. Tônia-Celli-Autran, Teatro de Arena de São Paulo, «Os Artistas Unidos», «O Tablado», Cia. Sérgio Cardoso, e outros que surgem e desaparecem.

A lei viza-os, diretamente, pois selecionam seus autores nacionais. Alguns destes são medíocres, mas é impossível rebaixá-los ao nível de seus rivais de mentalidade pré-1938: Nelson Rodrigues, Jorge Andrade, Edgar da Rocha Miranda, Millor Fernandes, Antônio Calado, Guilherme de Figueiredo, Francisco Pereira da Silva, Abílio Pereira de Almeida, João Bethencourt, Augusto Boal, etc. Os remanescentes da velha guarda S.B.A.T. foram os inspiradores da lei. Que pretendem eles, demagogia, à parte? Retornar compulsoriamente ao repertório das primeiras companhias?

(Cont. da página 47)

A proporção de um original brasileiro por dois estrangeiros, obedece a ordem cronológica imutável, no tocante à presença dos sócios da S.B.A.T. Estes serão sempre os primeiros em cada série de três espetáculos. Isto implica numa provável queda de nível de companhias com pretensões culturais. No passado, seus mentores encenavam textos de aceitação duvidosa pelo público, garantidos — o quanto é possível em teatro — por sucessos internacionais comprovados. Zampari jamais experimentaria com «Maria Stuart», de Schiller, e «Volpone», de Ben Johnson, se não dispusesse de «A Casa de Chá

do Luar de Agosto», de John Patrick para suprir-lhes o deficit eventual. A lei regulamentada expõe o empresário a riscos de natureza econômica e artística, sem oferecer-lhe nada em troca. Seu critério de coação é quantitativo e não qualitativo. Nem ao menos garante as companhias contra uma eventual incompatibilidade de textos disponíveis com seus repertórios. Assim, Paulo Magalhães e Pedro Bloch podem ser impostos e Zampari e Celli, «faute de mieux». Por outro lado, a permanente proporção de 1x2, diminui a possibilidade de um repertório estrangeiro eclético. Nenhum empresário sensato dei-

INSUFICIENCIA HEPÁTICA

YAKRITAMIN

ANEMIAS



INTOXICAÇÕES

YAKRITAMIN

COMPLEXO INJETÁVEL

INSTITUTO BIOLÓGICO DO RIO DE JANEIRO, LTDA.
CAIXA POSTAL Nº 1.202



S.A.

UMA PUBLICAÇÃO VITORIOSA

SOCIEDADES

- Já se encontra na 5ª edição a revista "Sociedades Anônimas" fundada pelo prof. Erymá Carneiro, da qual é Diretor-Responsável o sr. Célio Sales Barbieri, Redator-Chefe o sr. Nelson Beaumont Matos e Diretor-Gerente o sr. J. C. Brício.

- É uma revista feita sob o mais alto critério técnico e profissional, destinada a manter os advogados, juizes, banqueiros, contabilistas e homens de negócio em geral ao par de todos os assuntos fiscais, problemas de tributação, legislação sobre economia em geral, jurisprudência relacionada com o direito comercial, crédito, produção, contabilidade, etc.

- Pedidos à "Revista das Sociedades Anônimas S/A" — Redação e Administração: Av. Rio Branco, 277, 14º andar, conjunto 1.402 — Telefone 22-4419. Sucursal em São Paulo: Rua Boa Vista, 245, 7º andar, sala 712 — Telefone 37-7253.

ASSINATURAS: 1 ANO — Cr\$ 500.00; 2 ANOS — Cr\$ 950.00

ANÔNIMAS



QUATRO CARTAZES SÃO NOTÍCIAS

VIRGINIA LANE deixou a televisão e resolveu ser empresária. Tirou o dinheirinho do banco (600 mil cruzeiros) e encenou «Muito Vede-te», de Meira Guimarães. Vai daí que esteve no noticiário dos jornais porque convidara JK e JK acabou não indo. Depois JK mandou dizer que iria recebê-la «alone» no Catete, mas depois não recebeu. Ficou assunto alguns dias a nossa «vedetinha» e agora está pensando mesmo em voltar para a televisão que paga bem e não dá tanta dor de cabeça como enfrentar as responsabilidades de uma empresa.

PAULO GRACINDO foi mais uma vez eleito «o melhor» do ano. Mas foi somente o melhor rádio-ator, muito embora seja ele um animador da melhor qualidade e esteja com um programa com seu nome, atingindo os maiores índices de ouvintes na Nacional. Para este Carnaval, Paulo Gracindo aparece também como compositor (A Sempre Viva) e seu programa ganhou mais minutos. É ele responsável por vários programas daquela emissora inclusive o «Balança mas não cai», campeão de horários. Está de malas arrumadas para um giro pela Europa, mas não é para já.

NOÉLIA NOEL — Há uma infinidade de cantoras no nosso rádio que poderíamos classificar de «volantes». Noélia Noel, é uma delas. De quando em vez faz uma temporada numa das nossas emissoras e está sempre embarcando para um ponto qualquer. Não chega mesmo a cantar mas têm muita presença o que nos dias presentes serve bem a nossa televisão. Um dia desses abrimos as revistas especializadas e elas nos contaram que Noélia estava no Japão. E estava mesmo e quando voltou cantou um «baião» japonês muito sem graça, mas que serviu para atestar mesmo que ela comera arroz com paupinhos.

CATULO DE PAULA — Há uns artistas no Brasil que ainda não apontaram o merecido. Neusa Maria teve sua vez em 1956 e já há 11 anos que está no rádio. Tudo parece depender muito dos produtores. Catulo de Paula homem de uma infinidade de «baiões» já se revelou no teatro com Silveira Sampaio. Estêve na Nacional. Foi para a Mayrink, voltou para a Nacional e nessas idas e vindas ainda não ganhou o lugar que merece. Amanhã um Paulo Roberto solta o homem em bom estilo e ele vira cartaz autêntico. E tanto Catulo de Paula sabe disso, que é com aquela paciência que os cearenses têm, que tem sabido esperar.

CRÔNICA

ATÉ TU BRUTUS?

♦ A briga está na rua. Os compositores resolveram pedir a palavra e soltar publicidade paga nos jornais, num jeito de dizer bem que são uns rapazes roubados. Pouco sabemos e eles também mal explicam a atitude tomada. E se dividem. Culpados, queixosos e um resto que mal sabe querer vai acompanhando um lado ou outro. É luta contra os editores e a vontade de uma libertação de todos eles. Eu de mim sei onde estou, no mesmo lugar de sempre, na mesma cadeira e com os mesmos amigos. Sei me decidir sem precisar de muita coragem, pois minha coragem é boa bússola. Não sou de esquecer coisas, nem gestos, nem favores, bem como ingratidões e é essa mesma memória inteira que me traz de volta outros acontecimentos. Lembro-me de um jantar no «Aljan» oferecido ao Vicente Vialle. Todos em volta da mesa. Muitos discursos, muito arrasta pé. Ari Barroso estava no México mas se fez representar pelo seu filho Flávio. Evaldo Ruy inteiro, vivo. Benedito Lacerda disse palavras sem música e muitos outros falavam, repisando na mesma tecla do «grande amigo», do discurso declaração de amor e prova de amizade. Isso foi ontem. Fui depois portador ao mesmo Ari de um disco de ouro, quando este fez aniversário (Country Club) que aqueles mesmos Vialle mandavam entregar. Discursos e champanhotas com background de charanga do Flamengo. De repente, mais que de repente os mesmos homens fizeram a revolução branca e repetiram a façanha das punhaladas no mesmo Vialle. Querem mais, vão montar a máquina própria, e uma esperança de fortuna os atrai loucamente. Um vento vadio,

varreu de todos o bem querer ao amigo de ontem e fez de cada um, um guerreiro encapuçado a querer derrubar a dinastia do editor. Pura ilusão! Louco sonho! Mas tudo segue para frente como manda a evolução, como pede o progresso e nessa caminhada, são derrubados princípios do coração para deixar bem aberta a caminhada em busca do ouro. E o ouro? Será que é tudo que vale neste mundo de Deus? Evaldo Ruy partiu por conta própria de bolsos vazios e sem ter assistido nem praguejado nada contra seus amigos vivos. E seguiu. E nós seguiremos também, nós os compositores, eles os editores e amanhã será um outro dia para outros que tomarão nossos lugares. Para que fomentar discórdia, semear misérias e lutas se já o mundo nos dá de graça tudo isso. O que é mais necessário é juntar tudo, é dar as mãos aos outros e fazer dessa classe de compositores, uma classe sem puxação política, sem hinos a ninguém e sim e só uma fonte de fabricar alegria, música boa e honesta. Os outros viveram antes sofrendo o fio da miséria e foram Chopin ou Beethoven. E depois que seguiram deixaram inteiras aquilo que seus cérebros criaram. Outros, com eles viveram, que também compuseram, mas que nada deixaram porque o vento varreu com a vassoura própria para as mediocridades. Alguma coisa há de ficar e mais que tudo um sorriso bom há de estar no rosto dos que partem para outra vida, se eles caminharem certos, honestamente e sobre tudo sem atirar pedras nos que foram amigos em horas boas.

VALE A PENA LER DE NOVO

«SHOW DA CIDADE» (Henrique Pongetti) — Também é muito curiosa a consulta hipócrita do locutor-chefe ao seu interior hierárquico depois de expressar em tom categórico, incontestável, a sua opinião pessoal:

— Falta indiscutível de Cangaceiro em Diplomata. Uma sarrafada proposital, só um cego não teria visto. Valdir!

— Exatamente como você disse: uma sarrafada proposital, só um cego como o juiz não podia ver. A voz é o seu eco: faz um «double» perfeito porque o sonho de toda equipe é imitar a voz e o modo de falar do chefe até se confundir uma irradiação esportiva com um número de ventriloquia. «Cozzi e seus bonecos falantes». («O Globo», 1-2-57).

IGUALZINHA (Ouvinte Desconhecido). — Ouvimos, domingo, na Rádio Mayrink Veiga, a cantora Lana Bittencourt cantando muito bem o bonito samba-canção «Minha Prece». Tão bem cantava ela, que chegamos a pensar que fôsse Angela Maria de volta ao microfone.

No dia em que a gente souber, sem o «speaker» avisar, que Lana Bittencourt é quem está cantando, ela será uma das maiores intérpretes da nossa música popular. («O Globo», 1-2-57).

EM MATÉRIA DE DISCOS

A «Polidor» nos diz:

- ★ «Nunca Jamais» (Rosa Pardini)
- ★ «Hino ao Amor» (Mauricy Moura)
- ★ «Como é bom recordar» (Carlos Augusto)
- ★ «Mambo Bacan» (Carmem Déa)
- ★ «Falam meus olhos» (Agostinho dos Santos)
- ★ «Arriverderci Roma» (Wilson Roberto)
- ★ «Espinita» (Mário Gil)



Annie Berrier, a notável cantora francesa que por duas vezes já nos visitou, mais uma vez arrebatou o «Grand Prix Du Disque». Moça de Paris, faz de Paris sua base e viaja o mundo inteiro cantando bonito e mostrando a beleza de moça que ela é.

UM POUCO DA VIDA DOS CARTAZES

ESSE MENINO DE BRAÇANÃ



♦ **LÁ POR VOLTA** de 1939, quando pisei neste Rio de Janeiro, sotaque de nortista era defeito. A gente tinha mesmo era que afinar no diapasão carioca e nada de chamar «bichinho» nem pedir um cheiro a moça da pensão do Catete. De repente deu um vento de nordestismo e quem era humorista de rádio tratou de fazer tipos a moda do Ceará ou das Alagoas. Virou moda mesmo e passou a ser até muito bem, quem fizesse cantando e de vogais abertas. Nanci Wanderley, carioca da gema é a nortista mais famosa do rádio e logo depois que o deputado Humberto Teixeira invadiu esses brasis com os seus «baiões», aí então a epidemia cresceu ainda mais.

♦ **VAI DAÍ**

Ora, que muita gente fica com raiva de saber que Luís Vieira se diz nortista, muito embora muita gente saiba que ele é mesmo petropolitano. Mas pouca gente sabe que a bandeira que o moço carrega é aquela mesma dos «paus de arara». Muito embora Henrique Pongetti não queira dar a mão a palmatória quanto a cabeça boa que tem meus irmãos nordestinos, está aí o meu amigo Raimundo Magalhães Júnior e José Lins do Rêgo fazendo gol lá dentro da Academia, sem querer dizer mais que Austregésilo lá está o e o embaixador na Inglaterra nasceu em Santa Luzia do Cabuçu. E' que Luís Vieira carrega nas veias o sangue do norte e foi lá em Bezerros ou Garanhuns que empinou seus papagaios, tomou seus banhos de rio e mastigou muita xabá e lambeu rapadura batida. Por isso que é ele esse autêntico compositor que muita gente sabe, e que muita gente também não o identifica logo de saída por ser um menino ainda.

♦ **MAS SE CANTAMOS**

Então, a quem não sabe quem é o moço, entregamos o seu cartão de visitas

«E' tarde já vou indo
Preciso ir-me embora
Té manhã

Mamãe quando eu sai disse meu
filho não demore
Em Braçanã».

E' o menino de Braçanã. E onde fica mesmo Braçanã? Uma mais antiga Maracangalha. Um ponto do mapa que a gente vai mesmo pela asa da imaginação que com a presença. E' triste o que ele escreve, é chorado o que ele canta. Um menino autenticamente nortista que em seus versos fala sempre em Deus e em Jesus Cristo. Que importa onde tenha nascido, se cresceu nortista, se ama a terra de seus pais e soube dizer bonito em rimas e acordes o que viu e sentiu naquela paisagem agreste. Aos poucos ele vai caminhando, com fé em Deus e sem atropelar ninguém. Vai indo e indo e quando menos se esperar ele estará no lugar que merece, naquele lugar dos grandes cartazes. E' muito menino ainda.

FORTUNA (no bloco) APRESENTA

Fantásias

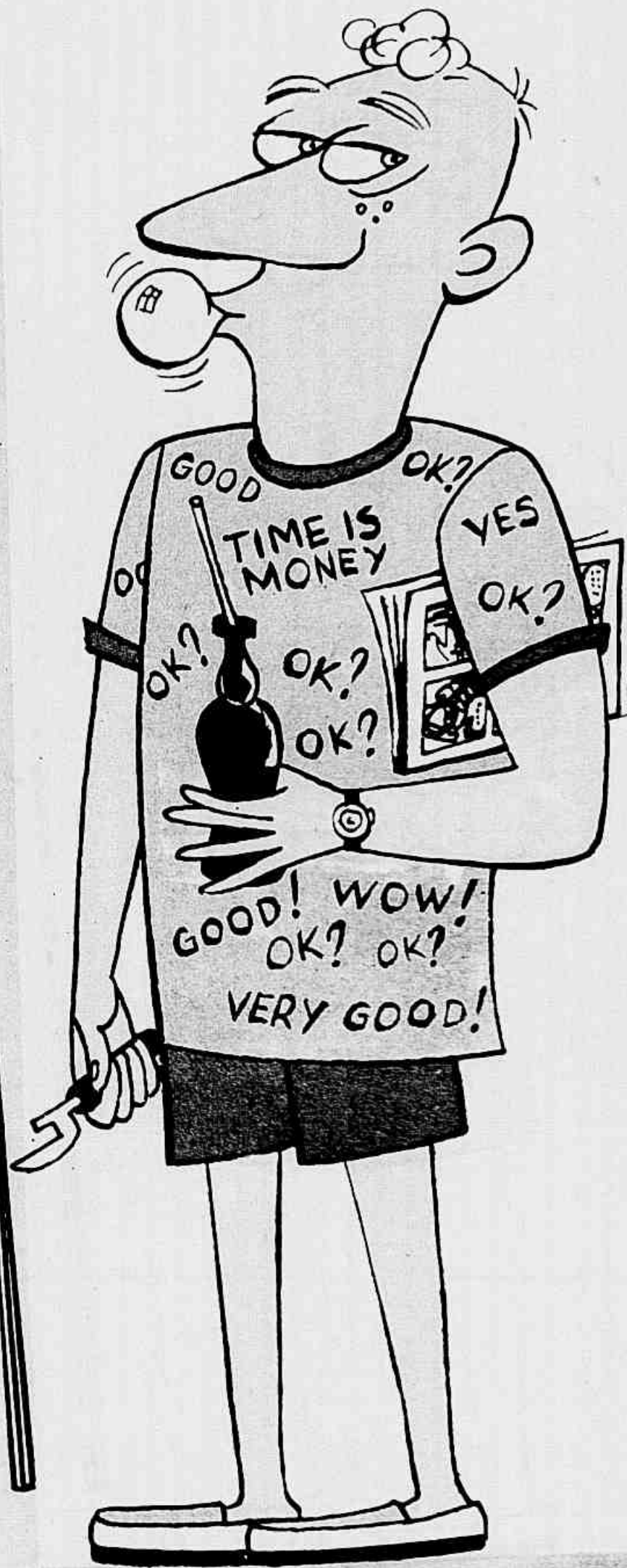


ANONIMATO

◆ Graciosa fantasia para o sexo masculino, constando de blusa de nylon, de cor bem es-
pantada, que não toca no corpo por obra de
uma armação de arame, estudada com muita
engenharia, meias de bailarina, alpercatas e
saiote curta que papai não gosta. No Car-
naval ninguém repara.

BRIACO

◆ Traje «scotch», composto de camiseta —
muito indicada para a atmosfera dos chama-
dos inferninhos — e calção com dois grandes
bolsos atrás, no caso de você preferir seu in-
ferninho particular. Um cinto passado nas per-
nas, de modo que elas façam um 8 quando lhe
pedirem para fazer um 4, a fim de convencê-
los de que eles é que estão vendo em dóbro.
Uma bengala em forma de poste, modelo ex-
clusivo, sem cachorro, numa justa homenagem
ao melhor amigo do homem. Que nestas con-
dições é o poste. E finalmente duas cruzes de
esparadrapo, uma em cada cotovelo, para
constar que «le duele, ayl, y por eso te
emborrachas».



PENETRA

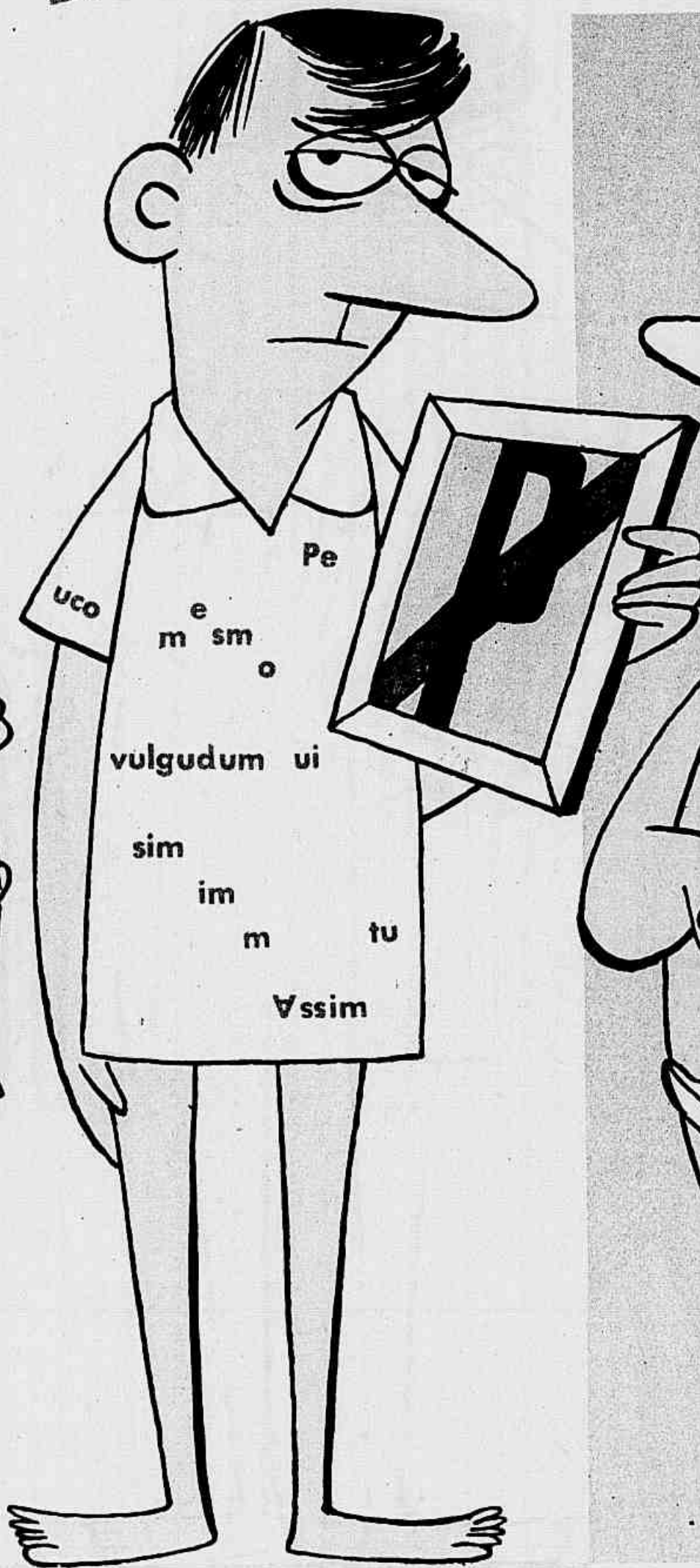
◆ Chiclete de bola na boca, revista em
quadrinhos debaixo do braço, uma garrafinha
de refrigerante na mão, um abridor de latas
na outra, short de praia e camisa de cor lo-
cal, vestido assim, quem vai lhe pedir convite?
Aí é que está a vantagem desta fantasia: en-
tra-se não precisa dizer como, brinca-se não
se diz de quê e vai-se embora quando muito
bem se entende. Formidável para banho de
mar à fantasia em Fernando de Noronha.

para Homens



MARIDO

◆ Palitô de pijama, calça de andar em casa, o conforto dos chinelos velhos e um travesseiro fazendo barriguinha para completar a idéia de total domesticidade. Se com o poder sugestivo de tôdas estas peças, você conseguir dominar a vontade de ir para a cama, terá uma fantasia como jamais se vê nas ruas. O conjunto resulta de tal maneira característico que você não precisará levar nenhuma senhora pelo braço, para que entendam a fantasia. Essa a vantagem. No caso da senhora ser a respectiva. Ou no caso contrário de você estar apenas fantasiado.



SIM SAL ABIM

◆ Ah, com esta não contavam! A camisa é um poema. Quanto ao resto, também foi desintegrado. O quadro revolucionário é mais fácil de explicar: trata-se de uma placa de ponto de ônibus convenientemente emoldurada. E pronto, SIMS ALAB IM. Aí tem você uma fantasia mais moderna que o modernismo. Positivamente concretista.



HAPPY BIRTHDAY

◆ Fantasia tôda em rosa. Quadrinhos de papel celofane da mesma cor aplicados nos olhos da máscara, servindo qualquer uma, pois nesta fantasia o importante é ocultar o rosto, que se está de tanga. Como se vê, o inocentinho ainda não recebeu os presentes que lhe prometeram, apesar de já ter soprado as 10 velinhas do seu primeiro aniversário. Não confere? Então vejamos: se 5 anos valerão 50, quantos aninhos tem um bebê de 1?

CONVERSA DE MULHER

LIGIA JUNQUEIRA



SABE USAR JOIAS?

● Muitas mulheres deixam de ser elegantes por acreditarem que uma jóia é uma lembrança, é questão de sentimento e não de moda. Algumas jóias precisam ser modernizadas ou remodeladas, outras são eternamente bonitas. Tudo depende do estilo.

As jóias de boa qualidade são um bom investimento de capital e devem ser assim consideradas. Constituirão uma satisfação para seus possuidores de várias gerações.

Mas a questão de hoje é esta: Você sabe usar suas jóias? Eis alguns conselhos que a ajudarão:

1. Quando estiver em viagem ou estiver sôzinha, seja muito discreta no uso de suas jóias.

2. As jóias para a noite podem ser brilhantes. Para o dia devem estar de acordo com o traje. Por exemplo: se você tiver um bonito alfinete de gravata com um magnífico diamante, poderá usá-lo em sua echarpe esportiva.

3. Não use jóias vistosas com uma toilette já muito ornamentada. Um vestido simples, de uma cor só, dará mais realce as suas jóias de valor.

4. As jóias devem combinar com seu tipo. Observe e descubra quais os feitios de broche que vão mais com sua personalidade, e os anéis que combinam com o formato de seus dedos.

5. A mulher com o busto firme e o pescoço perfeito nasceu para usar pérolas.

6. As jóias antigas só devem ser usadas pela mulher tipo ingênua, e nunca pela de tipo modernamente esportivo.

7. Uma imitação de estilo em moda é sempre melhor, como ornamento de chapéu, que uma jóia verdadeira.

NOTINHAS ÚTEIS

AS TORNEIRAS QUE GOTEJAM devem ser consertadas imediatamente, a fim de que não se tenha maiores despesas depois, limpando as manchas ocasionadas pelas gotas d'água — como limo e ferrugem. Você mesma pode substituir a borrachinha interna, desatarrachando a torneira depois de ter fechado o registro que leva a água até ela.

★

PARA REAVIVAR O COLORIDO DOS TAPÊTES espalhe sobre os mesmos um pouco de sal de cozinha e depois passe a vassoura ou uma escôva, por cima. Além de reavivar as cores, os tapêtes ficarão, também, perfeitamente limpos.

AS MANCHAS DE GORDURA PODEM SER COMPLETAMENTE retiradas com álcool canforado. Em seguida, lave a parte afetada com álcool puro, a fim de remover qualquer vestígio de cânfora.

★

ANTES DE PREPARAR O CAFÉ verifique se a cafeteira está bem limpa e escale-a com água fervendo. De outra forma o café não poderá resultar saboroso.

★

OS OBJETOS DE PRATA podem ser limpos com cinza peneirada, quando não se dispõe de um limpador de metais. Depois de limpar com a cinza, passe um pano embebido em querosene e a seguir dê polimento com uma flanela seca, para que fiquem bem brilhantes.

◆ NÃO FAÇA CENAS

Se encontrar na casa de uma amiga, numa recepção ou em visita, alguma de suas inimigas (as melhores pessoas podem tê-las), não dê um «show», tomando atitudes dramáticas e soturnas. Não é hora de «acertar as contas». Simplesmente, evite colocar-se no grupo em que ELA estiver. Cumprimente-a de cabeça, de longe, se tiver forças, dirija-lhe um sorriso frio, para que compreenda que deve se manter afastada. Esse é o comportamento de uma pessoa civilizada.

◆ EVITE INSINUAR...

Uma das coisas mais baixas e mais mesquinhas — dos piores defeitos femininos — é fazer insinuações. Se uma amiga está noiva de um homem muito mais velho, baixo e gordo, você não deve insinuar: — «Talvez seja rico».

Não diga de uma moça que trabalha e que se apresenta sempre bem vestida e até com jóias caras: — «Viu que brilhante! Como é que consegue ter tantas jóias?» Não se refira ao marido de uma conhecida: — «Nunca está no escritório quando meu marido o procura. Que é que andar fazendo por aí?»

Essas coisas não se insinuam e nem mesmo se comentam se realmente são verdadeiras. Insinuar é uma coisa vulgar, e pode dar lugar a muitos mal entendidos. Quando ouvir insinuações desse tipo, a respeito de pessoas que não estejam presentes, limite-se a perguntar: — Porque é você tão maldosa?

◆ A MULHER POLICIAL

Mesmo entre nós (começando em São Paulo) as mulheres já estão sendo empregadas na polícia e têm sido de inestimável valor em certas ocasiões. Nos Estados Unidos já de há muitos anos que existe a polícia feminina, à qual pertence Doris Fendi, que, com apenas 22 anos de idade é dos agentes mais ativos e de mais sorte na campanha contra as drogas estupefacientes. Pertence ela à polícia da Filadélfia e já conseguiu, com seu trabalho, localizar dezenas de vendedores clandestinos e também, encaminhar muitas mulheres viciadas nessas drogas para institutos de reeducação, libertando-as de uma vida terrível e de um futuro mais negro ainda. Damos a notícia como exemplo e estímulo para as «nossas» policiais.

WEEK-END NA COZINHA

◆ Um prato delicioso para as grandes ocasiões é este **COELHO COM AMEIXAS PRETAS**. Experimente-o na primeira oportunidade. Vale a pena.

1. Dividir o coelho (ou parte de um coelho), trinchando-o convenientemente. Deixar de molho em vinha d'alho por uma ou duas horas.

2. Pôr de molho, em água morna, 150 gramas de ameixas pretas.

3. Numa panela, pôr 100 gramas de toucinho branco, triturado, e 50 gramas de manteiga. Refogar e juntar 20 cebolinhas miudas, deixando até que fiquem douradas. Pôr na panela o coelho, já cortado em pedaços, e deixar que doure, cozinhando cerca de uma hora, banhando-o com vinho tinto.

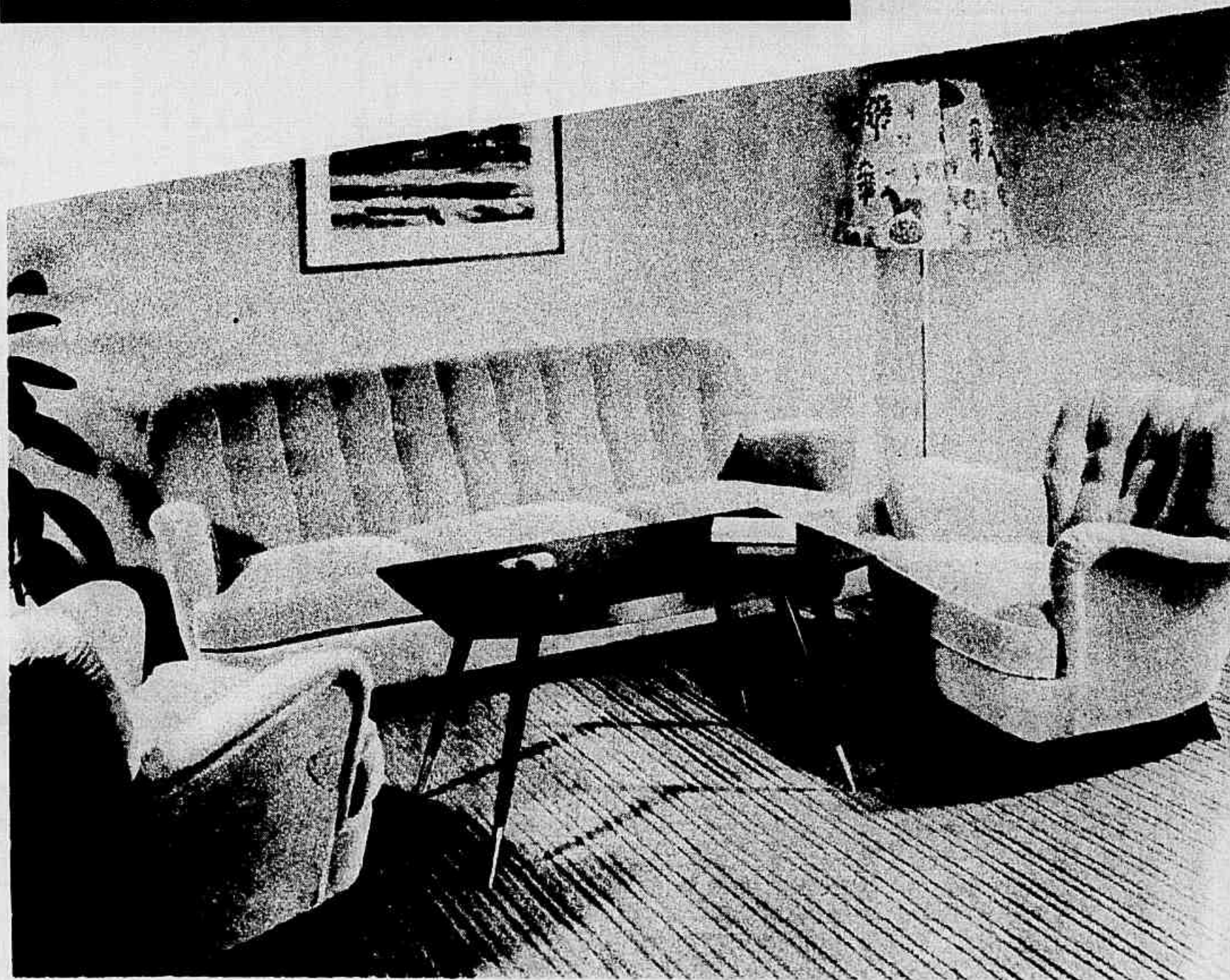
4. Cerca de 20 minutos antes de tirar do fogo, juntar as ameixas, sem os caroços.

5. Arrumar, no prato de servir, o coelho, com as ameixas e as cebolinhas ao lado.

6. O molho que ficou na panela deve ser desengordurado e misturado com duas colheres de açúcar caramelado e meio copo de vinagre branco. Juntar, depois, 50 gramas de passas, sem caroço, deixar ferver por poucos minutos, e espalhar esse molho sobre o coelho, antes de servir.

SUGESTÃO PARA O LAR

◆ Uma das qualidades principais do decorador — profissional ou amador — é ter noção de harmonia e proporcionalidade. Alguns a tem por instinto, outros estudam, observam, comparam, e acabam adquirindo-a, ainda que com algum trabalho. Na ilustração de hoje encontramos um bom exemplo de um grupo disposto com harmonia: desde a relação entre sofá e poltrona pesados com a mesinha muito leve de centro, até o abajur estampado, o tapete de listras, e o bonito «ficus» de um lado; contrabalançando com o abajur. O mobiliário é moderno (pés palito) assim como a estampa do abajur, e o quadro na parede, mas o conjunto resultou com um certo «quê» de muito clássico.





JOSÉ RONALDO

Criador da moda brasileira e dono da noite. Fêz mais sucesso que os manequins importados.

AS BRASILEIRAS DESFILARAM MELHOR E COM MAIS CATEGORIA
★ JOSÉ RONALDO, O DONO ABSOLUTO DA NOITE E O NOME MAIS COMENTADO ★ A CHUVA ATRAPALHOU O DESFILE DA PISCINA ★ E LÁ EM CIMA, O CALOR CASTIGOU TODO MUNDO

Reportagem de LUIZ SODRÉ

O DESFILE das modelos francesas estava programado para a piscina do Copacabana Palace. Uma passarela chegou a ser armada por cima d'água, o que permitiria aos repórteres intitular suas matérias de: "As moças andaram por cima d'água". Mas choveu na véspera do acontecimento e a direção do desfile resolveu fazê-lo no "Golden Room". Ainda assim foi uma festa bonita, com moças lindas desfilando, presença do "society", alguns políticos, carnaval e "Rock 'n Roll".

A vontade de assistir a festa era muita. Um exemplo: o sr. Tancredo Neves, diretor da Carteira de Redescontos do Banco do Brasil e eterno recusador da chefia da Casa Civil do sr. Juscelino Kubitschek, esperou 50 minutos no "hall" do Copa, até que chegasse um casal com quem marcara encontro. Estava acompanhado de sua esposa, sentado num banco. Olhava a porta e não chegava quem queria. Foi até ao bar, ligou para o telefone 37-9728. Conversou e perguntou pelo casal que esperava. Só chegou às 23,15. O sr. Tancredo Neves havia chegado às 22,30 horas.

AS MODELOS SÃO LINDAS

Foram seis moças bonitas — lindas talvez seja melhor — apresentando 36 modelos de José Ronaldo. Três francesas (Monique Liebel, Françoise e Rose Marie le Quellec), duas brasileiras (Maria e Ockie) e a americana Mary Hilen.

O desfile começou às 0,15 horas, com a entrada de Mary Hilen, a americana, apresentada por Ribeiro Martins. É uma

loura muito bonita, de nariz fino, cabelos bem escovados e a boca rasgada, o que lhe dá uma graça diferente. Vestia "Capri", modelo para praia, em losangos verde e branco. Foi até a ponta da passarela, ficou de short e ganhou as primeiras palmas. Seu corpo merece.

A orquestra acompanhou a entrada de Monique Liebel, a francesa que mais circula com os "play-boys" cariocas. Seu sorriso é uma beleza e quando fica séria continua empolgando. Vestia "Itaipu" em lonita Bangu. Quando Ockie (ex-Monique) pisou na passarela estendida no "Golden Room", as palmas estouraram de todos os lados. Até o prefeito Negrão de Lima esquentou as mãos. Essa lourinha simpática e bonita, com aquele nariz arrebitado e um ar marôto, foi a coisa mais aplaudida da noite. Mais até do que Irene Von Delinghausen dançando o "Rock".

Françoise, a famosa francesa, foi a decepção da festa. Preocupada com o chão, enquanto desfilava — talvez por causa dos fios dos fotógrafos e cinematografistas — chegou muito sem bossa e assim ficou até o fim, em todas as apresentações. De todas, é a menos bonita, com uma cara que dá a impressão de "eu conheço essa moça não sei de onde". Maria dá na mão um jeitinho muito gracioso. Você olha as mãos, deixa correr os olhos e descobre suas pernas, que são bem torneadas. Tem categoria e é bonita. Quando fica de short abaífa.

Pela ordem, a última a entrar foi Rosemarie le Quellec, francesa. "Gurujá" foi seu primeiro modelo, em gorgurão. É uma morena delgada, com classe para se apresentar. Também ganhou palmas.



NO DESFILE (DO COPACABANA) AS



NA) AS FRANCESAS DECEPCIONARAM,

NO DESFILE...



MONIQUE ENTRANDO NA PASSARELA, PARA MOSTRAR "IMBUI". — MARY, AMERICANA, DE NARIZ FINO E BOCA RASGADA.

Quando veio de noiva, impressionou muito bem.

Revezando-se as moças, foram apresentados 12 trajes de praia, 17 de passeio, cinco de noite, um de noiva e um de "mademoiselle d'honneur". Todos foram desenhados por José Ronaldo.

Na cabeça, as modelos portaram torços, e só dois apresentaram chapéus. Um de praia e outro de passeio, cobrindo os olhos. O modelo mais aplaudido foi "Contegris", apresentado por Rosemarie le Quellec, em organdi permanente, estampado, com larga saia e melhor decote

em "V". Não fique sem registro o vestido de noiva, que encerrou o desfile, às 1,05 horas. Curto, com grinalda pequena e um laço de rolé na cabeça.

No "Golden Room" estava quente e o ar refrigerado não teve forças para refrescar a casa cheia. A música foi boa e tocou desde o "Rock 'n Roll" até sambas de Carnaval, passando pelos "blues" americanos. Quase todos os colunistas sociais da cidade estiveram presentes e em seus caderninhos anotaram nomes e mais no-

mes. As suas colunas podem ser lidas e, então, o leitor tomará conhecimento do "society" presente.

Antes de ir para o Copacabana Palace, as principais personagens das colunas deram um pulo à casa do sr. Jorge Guinle, que oferecia um coquetel. Depois de ir ao Copacabana Palace, as principais personagens das colunas deram uma "esticada" até o "Sacha's", para terminar a noite. Como última notícia, marque-se a presença dessas três moças que são Ilde Garavaglia, Rosinha Serzedelo Machado e Heloisa Dolabela.

ASGADA.

lidas e,
mento do

a Palace,
colunas
sr. Jorge
el. Depois
as princi-
s deram
para ter-
cia, mar-
noças que
Serzedelo

FRANÇOISE USOU UM CHAPEU QUE LHE COBRIU OS OLHOS. ROSEMARIE, A FRANCESA MORENA E BONITA.

● O CAPÍTULO JOSÉ RONALDO — Como nota final, não se pode deixar de falar em José Ronaldo. O criador da moda brasileira, o homem que conseguiu mostrar ao mundo a elegância brasileira, foi o dono da noite. As mais lindas mulheres presentes e as mais elegantes (algumas freqüentadoras assíduas das listas anuais), não se cansavam de dizer enquanto as modelos desfilavam: "esse José Ronaldo é fabuloso", "olha a beleza desse modelo", "veja que gosto tem o José Ronaldo", e por aí em diante. Foi o maior sucesso, maior mesmo que a apresentação dos manequins estrangeiros.

A francesa Rosemarie encerrou o desfile com sua «Noiva». Maria, a brasileira, veio de «Dame D'Honneur».





◆
sda
cre
le

◆
cos
mo
ino
me
dida

◆
na
do
Soc
pró

◆
Aos
des

◆
peq
lase
berli

◆
no

◆
med
decl

F

H

HELIO FERNANDES apresenta

FATOS E RUMORES

◆ O sr. Campos Vergal, deputado por S. Paulo (espírita, cordialmente medíocre, sempre de terno branco, péssimo orador, maçante e cansativo), declarou há dias em um discurso, que guerra «é uma tara ancestral».

◆ Retrato da imbecilidade nacional: em pleno verão não se pode entrar no Jardim Botânico de «short».

◆ A revista «Cigarra» (mensal, 50 mil exemplares de tiragem, formato pequeno, muitos diretores e muitas remodelações), vai entrar em nova fase. Mudará de tamanho e terá um novo diretor: o romancista Heriberto Salles.

◆ Muito notada (e comentada) a forma física do brigadeiro Nero Moura. Aos 48 anos ostenta uma aparência de 35. Já o (também) brigadeiro Guedes Muniz, com 56 anos parece um homem de 70.

◆ O sr. Sílvio Pacheco foi queimado definitivamente para a reeleição na C.B.D. Os dois nomes mais cotados agora, são Pauxy Nunes (irmão do deputado Coaracy e do presidente da Petrobás, Janary) e Gastão Soares de Moura Filho, secretário do deputado Gustavo Capanema e prócer do Fluminense.

◆ O sr. Juscelino Kubitschek deve recomendar aos seus «amigos» que costumam freqüentar o Juca's Bar, que não fica bem apregoar a todo momento (e em altas vozes), que são íntimos do presidente. Pergunta inocente para esses «amigos íntimos»: onde estavam eles há 1 ano e meio, quando o presidente (então apenas candidato), era grosseira e diariamente insultado?

◆ Sugestão para os produtores de programas de entrevistas na televisão: um debate entre Ferreira Gullar e Tiago de Melo sobre a arte «concreta». Outro dia eles discutiram na porta do café Pelicano, e parou gente para assistir. Seria um sucesso garantido.

◆ Jorge Carvalho de Brito e um sobrinho do sr. Pedro Aleixo, disputam

◆ Na foto, sorridentes e felizes, os srs. Milton Campos e Afonso Arinos, ladeiam o sr. Tenório Cavalcante. O flagrante foi feito no dia seguinte ao crime da rodovia Presidente Dutra, na própria casa (fortaleza), do deputado udenista. Que teriam ido fazer na casa de Tenório, homens como Milton Campos e Afonso Arinos? Que autoridade moral podem ter esses homens para protestar contra o banditismo em Alagoas, se aqui mesmo, na capital da República, acobertam e protegem um banditismo muito mais perigoso e sangrento? O sr. Muniz Falcão, é um louco, ninguém tem dúvida. Mas o sr. Tenório Cavalcante, será por acaso mais manso? Ou os srs. Milton Campos e Afonso Arinos fazem distinção entre um correligionário louco e um louco adversário? Eu não tenho dúvida em afirmar: a visita de Milton Campos e Afonso Arinos é mais grave que o crime de Alagoas e muito mais grave que o próprio crime de Tenório. Pois com seus nomes dignos e respeitáveis, Milton Campos e Afonso Arinos deram cobertura a um homem como Tenório, que não tem feito outra coisa na vida senão matar.

a chefia do escritório comercial em Londres. O primeiro é afilhado do governador Bias Fortes.

◆ Afonso Arinos (em artigo na «Tribuna da Imprensa») afirmou que «a literatura do nordeste viveu sempre a reboque da literatura mineira». Mas declarou a amigos, que com essa afirmação queria apenas provocar uma explosão no momento em que voltava ao convívio literário. A explosão não houve.

◆ Anselmo Duarte está muito interessado em saber que destino o embaixador Negrão de Lima deu ao trabalho da Comissão de Cinema por ele mesmo nomeada. Anselmo alega que trabalhou 60 dias (de graça e com entusiasmo) e não conseguiu arranjar nem um telefone para sua residência.

◆ Local: Copacabana Palace, banquete oferecido ao presidente da República. Personagens: Assis Chateaubriand e Israel Pinheiro. Diálogo:

CHATEAUBRIAND: — Então, Israel, como vai essa loucura de Brasília?

ISRAEL: — Fala com o nosso chefe, ele está ali.

CHATEAUBRIAND: — Deixa passar um pouco. Não gosto de falar com loucos, quando estão no auge do acesso.

◆ Advertência ao sr. Juscelino Kubitschek: o sr. Getúlio Vargas assumiu o governo nas mesmas condições difíceis, e consolidou-o também em um ano. Um mês antes de 24 de agosto o governo do sr. Getúlio Vargas estava solidíssimo e ninguém acreditava que pudesse ser derrubado. Não se esqueça disso. Quando tiver um tempinho disponível, uma leitura não faz mal algum. E veja como as condições históricas no Brasil se repetem com uma coincidência impressionante.

◆ Guimarães Rosa publicará o seu primeiro livro de 1957, na editora de Ênio Silveira. Título (meio estranho): NO MATO E NO CAMPO COM GUIMARAES ROSA. As ilustrações serão feitas por Yllen Kerr.

◆ Carlos Carneiro (comandante da esquadra), Renato Guilhobel (chefe do Estado-Maior da Armada) e Alves Câmara (ministro da Marinha), cairão na compulsória ainda este ano. A corrida é grande para a substituição.

◆ A Comissão Artística do Municipal recusou uma peça de Nelson Rodrigues e outra de Millor Fernandes e aceitou uma de Paulo de Magalhães. Pergunta para o prefeito Negrão de Lima responder: onde a mediocridade secular do sr. Paulo de Magalhães pode superar o talento (reconhecido) de Millor Fernandes e Nelson Rodrigues?

◆ O general Correa Lima, 4 dias antes de morrer, esteve na casa do general Dutra. Conversou na maior satisfação, e fez um pedido para um amigo.

◆ A Laite está pleiteando entregar os bondes à Prefeitura antes do prazo previsto.

◆ Carlos Lacerda para Osvaldo Lima na Câmara: «Em matéria de imperialismo, os conhecimentos de v. exa. estão no mínimo com 25 anos de atraso».



ÚLTIMO
FLASH

"VOLTE PARA CASA, FILIPE"

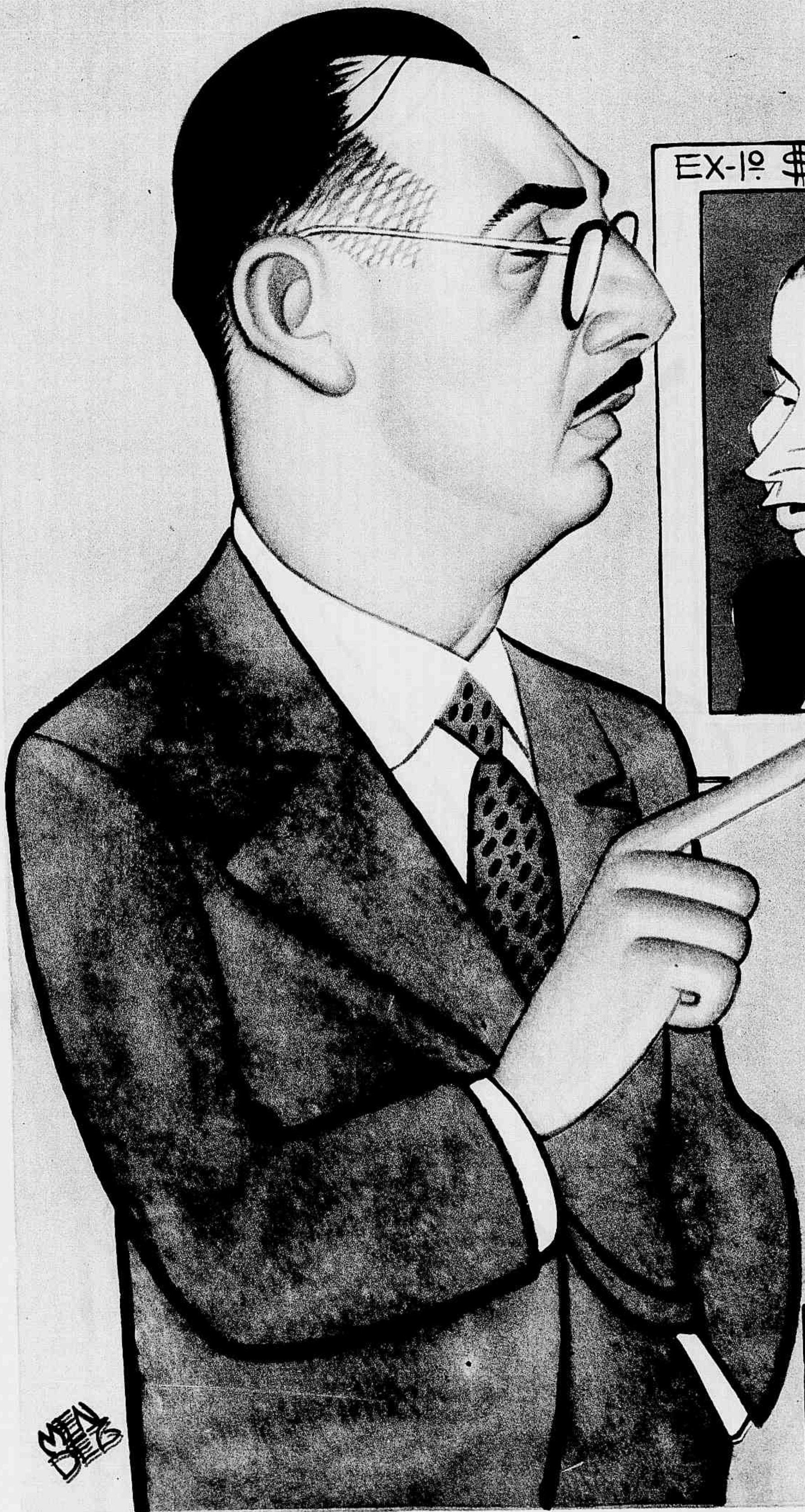
◆ Os rumores de desentendimento entre o duque de Edimburg e a rainha da Inglaterra ganharam o mundo. Na versão de um jornalista americano, o duque estaria de romance com a mulher de seu secretário e a rainha (evidentemente) não estaria satisfeita. Os 4 meses que (já) duram a viagem de Filipe também serviram de argumento para os que não quiseram acreditar na história. E o «Daily Mirror», um dos mais conspícuos e prestigiosos jornais londrinos, em manchete, faz o apelo patético: «Volte para casa, Filipe.» Enquanto Filipe não volta, as especulações continuam

**A FIGURA
EM FOCO**

EX-1.º \$ECRETÁRIO



LIGIA



CEL SO LISBOA

Nesta terra de sujeiras,
Mas, para «muitos», tão boa,
Quem, dera existissem dez,
Iguais ao Celso Lisboa...



...e o cigarro é **Columbia**

COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ